



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA – CAMPUS CABEDELO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO**

**DESENVOLVIMENTO DO LIVRO POETAS BRASILEIRAS:
CECÍLIA MEIRELES, CLARICE LISPECTOR, HILDA HILST,
ANA CRISTINA CESAR E GILKA MACHADO**

MARIA VITORIA GALBERTO SALES

CABEDELO

2023

MARIA VITORIA GALBERTO SALES

**DESENVOLVIMENTO DO LIVRO POETAS BRASILEIRAS: CECÍLIA MEIRELES,
CLARICE LISPECTOR, HILDA HILST, ANA CRISTINA CESAR E GILKA MACHADO**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, como requisito obrigatório obtenção do título Tecnólogo do curso superior em Design Gráfico.

Orientador(a): Profa. Me. Marília Gabriella Lima
Lira da Silva

CABEDELLO

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS CABEDELO
COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECA DO CAMPUS CABEDELO

FICHA 26/2023 - COB/DDE/DG/CB/REITORIA/IFPB, 20 de setembro de 2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

S163d Sales, Maria Vitoria Galberto.

Desenvolvimento do Livro Poetas Brasileiras: Cecília Meireles, Clarisse Lispector, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar e Gilka Machado / Maria Vitoria Galberto Sales – Cabedelo, 2023.
132 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Superior de Tecnologia em Design Gráfico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.

Orientadora: Profa. Ma. Marília Gabriella Lima Lira da Silva.

1. Design editorial. 2. Poesia. 3. Escritoras brasileiras. I. Título.

CDU 655.4:82-1

Documento assinado eletronicamente por:

■ **Angela Cardoso Ferreira Silva**, BIBLIOTECARIO-DOCUMENTALISTA, em 20/09/2023 16:58:48.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 20/09/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 477215
Verificador: acbaf21890
Código de Autenticação:





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

MARIA VITORIA GALBERTO SALES

DESENVOLVIMENTO DO LIVRO POETAS BRASILEIRAS: Cecília Meireles, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar e Gilka Machado.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Tecnólogo(a) em Design Gráfico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cabedelo.

Trabalho avaliado na sua forma final para conclusão do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do IFPB Campus Cabedelo e aprovado pela banca examinadora em 04 de julho de 2023.

Membros da Banca Examinadora:

Profa. Me. Marília Gabriella Lima Lira da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Profa. Dra. Renata Amorim Cadena

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Profa. Me. Analia Adriana da Silva Ferreira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Cabedelo/2023

Documento assinado eletronicamente por:

- Marília Gabriella Lima Lira da Silva, PROF. ENS. BAS. TEC. TECNOLÓGICO-SUBSTITUTO, em 02/08/2023 19:13:47.
- Analia Adriana da Silva Ferreira, PROF. ENS. BAS. TEC. TECNOLÓGICO-SUBSTITUTO, em 04/08/2023 10:47:56.
- Renata Amorim Cadena, PROFESSOR ENS. BASICO TECN. TECNOLÓGICO, em 04/08/2023 13:35:50.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 30/07/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifpb.edu.br/suacenticar_documento/ e forneça os dados abaixo:

Código: 454241
Verificador: e93906f0
Código de Autenticação:



Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Cambinha, CABEDELO / PB, CEP 58103-772

<http://ifpb.edu.br> - (83) 3248-5400

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente aos meus pais, Rosilda e Jonas, e à minha família, em especial meus primos Vanderson, Arthur, Angélica, Mariana, Daisy e Isabelle, e aos meus tios, cujo apoio inabalável me fortaleceu durante estes desafiadores anos de estudo. Aos meus amigos, Gabrielle, Victoria, Gabriel, Nicleiton, Vivian e Mariane, sua presença e encorajamento foram inestimáveis, impulsionando-me a alcançar alturas maiores. Meus sinceros agradecimentos a todos os professores e mentores que me guiaram nesta jornada acadêmica. Por último, mas não menos importante, agradeço à vida, que me presenteou com experiências e aprendizados que moldaram e me trouxeram até aqui.

RESUMO

O presente estudo, intitulado como "Livro: Poetas Brasileiras", está focado na composição e na concretização de um livro de poesia. Este livro é uma homenagem sincera e respeitosa à arte e ao legado de cinco renomadas poetisas brasileiras: Cecília Meireles, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar e Gilka Machado. Através de um uso criterioso e criativo dos conceitos de Design Editorial e Ilustração, o projeto tem como objetivo primordial resgatar e glorificar as obras destas mulheres de talento inquestionável, cujas contribuições para a literatura brasileira são muitas vezes subestimadas no cenário literário contemporâneo. A metodologia aplicada neste estudo é caracterizada por uma pesquisa bibliográfica extensa e detalhada. É também baseada em uma análise crítica e em um processo de seleção de obras planejado e implementado. Este método assegura que cada poesia selecionada e incorporada no livro captura e expressa de forma autêntica e expressiva a essência e o legado destas extraordinárias poetisas brasileiras. O resultado é um volume que serve como uma celebração adequada e uma fonte de inspiração para futuras gerações de poetisas.

Palavras-chaves: Livro. Poesia. Escritoras brasileiras. Design Editorial.

ABSTRACT

The present study, entitled "Livro: Poetas Brasileiras", is focused on the composition and realization of a poetry book. This book is a sincere and respectful tribute to the art and legacy of five renowned Brazilian poets: Cecília Meireles, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar and Gilka Machado. Through a judicious and creative use of the concepts of Editorial Design and Illustration, the project's primary objective is to rescue and glorify the works of these women of unquestionable talent, whose contributions to Brazilian literature are often underestimated in the contemporary literary scene. The methodology applied in this study is characterized by an extensive and detailed bibliographical research. It is also based on a critical analysis and on a planned and implemented works selection process. This method ensures that each poem selected and incorporated into the book authentically and expressively captures and expresses the essence and legacy of these extraordinary Brazilian poetesses. The result is a volume that serves as both a fitting celebration and a source of inspiration for future generations of poets.

Keywords: Book. Poetry. Brazilian writers. Design Editorial.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Fotografia de Gilka Machado | 18 |
| Figura 2 – Poesias escolhidas de Gilka Machado | 19 |
| Figura 3 – Fotografia de Cecília Meireles | 21 |
| Figura 4 – Poesias escolhidas de Cecília Meireles | 22 |
| Figura 5 – Fotografia de Clarice Lispector | 25 |
| Figura 6 – Poesias escolhidas de Clarice Lispector | 26 |
| Figura 7 – Fotografia de Hilda Hilst | 28 |
| Figura 8 – Poesias escolhidas de Hilda Hilst | 29 |
| Figura 9 – Capa do livro “Ana C” | 32 |
| Figura 10 – Poesias escolhidas de Ana Cristina Cesar | 33 |
| Figura 11 – As fases principais do projeto de Archer (1984) | 35 |
| Figura 12 – Moodboard | 39 |
| Figura 13 – Estrutura do Livro | 40 |
| Figura 14 – Dimensões físicas do livro | 41 |
| Figura 15 – Grids de construção | 42 |
| Figura 16 – Tipografia | 43 |
| Figura 17 – Cor | 43 |
| Figura 18 - Ilustração das poetisas | 45 |
| Figura 19 – Alternativas de cor | 46 |
| Figura 20 – Alternativas de capa | 47 |
| Figura 21 – Capa escolhida | 47 |
| Figura 22 – <i>Layout</i> final do miolo do livro | 48 |
| Figura 23 – Separação dos capítulos | 49 |
| Figura 24 – Capa e contracapa | 49 |
| Figura 25 – Mockup 1 do livro | 50 |
| Figura 26 – Mockup 2 do livro | 51 |
| Figura 27 – Mockup 3 do livro | 51 |
| Figura 28 – Mockup 4 do livro | 52 |
| Figura 29 – Mockup 5 do livro | 52 |
| Figura 30 – Mockup 7 do livro | 53 |
| Figura 31 – Mockup 8 do livro | 53 |
| Figura 32 – Mockup 9 do livro | 54 |

| | |
|----------------------------------|----|
| Figura 33 – Mockup 10 do livro | 54 |
| Figura 34 – Mockup 11 do livro | 55 |
| Figura 35 – Protótipo impresso 1 | 55 |
| Figura 36 – Protótipo impresso 2 | 56 |
| Figura 37 – Protótipo impresso 3 | 56 |
| Figura 38 – Protótipo impresso 4 | 56 |
| Figura 39 – Protótipo impresso 5 | 57 |
| Figura 40 – Protótipo impresso 6 | 57 |
| Figura 41 – Protótipo impresso 7 | 57 |
| Figura 42 – Protótipo impresso 8 | 58 |

LISTA DE ABREVIATURAS

ABL - Academia Brasileira de Letras

UNB - Universidade de Brasília

J.K. – Joanne Kathleen

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1.1 Problema Prático | 12 |
| 1.2 Problema de Pesquisa | 12 |
| 2 OBJETIVOS | 13 |
| 2.1 Objetivo Geral | 13 |
| 2.2 Objetivos Específicos | 13 |
| 3 JUSTIFICATIVA | 14 |
| 4 MOTIVAÇÃO | 15 |
| 5 REFERENCIAL TEÓRICO | 16 |
| 5.1 Gilka Machado | 16 |
| 5.2 Cecília Meireles | 20 |
| 5.3 Clarice Lispector | 23 |
| 5.4 Hilda Hilst | 27 |
| 5.5 Ana Cristina Cesar | 30 |
| 6 METODOLOGIA | 34 |
| 6.1 Metodologia de pesquisa | 34 |
| 6.2 Metodologia de projeto | 34 |
| 7 PROJETO GRÁFICO | 36 |
| 7.1 Fase Analítica | 36 |
| 7.2 Fase Criativa | 36 |
| 7.2.1 Desenvolvimento | 38 |
| 7.2.1.1 Moodboard..... | 38 |
| 7.2.1.2 Estrutura do livro | 39 |
| 7.2.1.3 Grid | 41 |
| 7.2.1.4 Tipografia | 42 |
| 7.2.1.5 Cor..... | 43 |
| 7.2.1.6 Geração de alternativas | 44 |
| 7.3 Fase Executiva | 48 |
| 8 MOCKUPS E PROTÓTIPO IMPRESSO | 50 |
| 9 CONCLUSÃO | 59 |
| REFERÊNCIAS | 61 |

1 INTRODUÇÃO

A poesia brasileira, um universo abundante em expressões diversificadas e ricas, foi esculpida por uma extensa linhagem de poetas talentosos que contribuíram de forma significativa para a literatura nacional. Dentro desse grupo de artistas literários, as vozes e perspectivas inigualáveis das mulheres emergem, adicionando camadas de profundidade ao panorama literário brasileiro. As poetisas brasileiras, ao longo da história, têm enfrentado e vencido uma série de desafios para se fazerem ouvir em um domínio tradicionalmente masculino.

A relevância das mulheres para a literatura é indiscutível, tendo elas criado obras que exploram uma miríade de temas, desde o amor e política até a identidade de gênero, corporalidade e liberdade. No entanto, essas conquistas foram resultado de árduas batalhas. As mulheres, historicamente, tiveram de forjar seu próprio espaço em uma sociedade que limitava a sua educação e oportunidades.

No Brasil, a trajetória educacional feminina foi marcada por conquistas graduais e restrições sistemáticas. Foi somente em 15 de outubro de 1827, com a promulgação da Lei Geral, que as mulheres tiveram o direito de continuar seus estudos além do ensino fundamental. Contudo, elas não tinham acesso à gama completa de matérias disponíveis para os meninos, como geometria, sendo direcionadas para as "artes do lar". O acesso à educação universitária para as mulheres só foi garantido em 1879, ainda assim, sujeito a restrições e à necessidade de permissão do pai ou marido (SAE DIGITAL, 2022).

Com a crescente valorização do autor no século XIX, a publicação anônima tornou-se um desafio. As mulheres escritoras, em particular, frequentemente optavam por pseudônimos masculinos como estratégia para driblar a crítica social e os preconceitos arraigados no campo literário. Notavelmente, as mulheres brasileiras começaram a publicar obras sem o uso de pseudônimos ainda no século XIX, demonstrando coragem e resiliência mesmo antes de conquistarem direitos políticos fundamentais, como o sufrágio feminino (SAE DIGITAL, 2022).

O VIDA Count – Women In Literary Arts (2017) realizou um estudo que ilustra a disparidade de gênero na literatura. Segundo a pesquisa, apenas duas publicações nos Estados Unidos, a *Granta* e a *Poetry*, apresentaram um índice de 50% ou mais de obras escritas por mulheres. Este dado revela que a sub-representação das mulheres na literatura não é um fenômeno restrito ao Brasil, mas um desafio global que necessita de atenção e esforços para ser superado (ANDERSON, 2018).

A Universidade de Brasília (UNB) constatou uma marcante disparidade de gênero na literatura brasileira, revelando que, entre 1965 e 2014, homens foram responsáveis por 70% das obras publicadas por editoras de grande porte no país (UNB, 2014). Esta desigualdade é conseqüentemente refletida na escassa representação de mulheres entre as autoras laureadas durante o mesmo intervalo de tempo.

Um dos exemplos mais destacados de preconceito contra autoras é a experiência vivida por J.K. Rowling, a criadora de uma das séries literárias mais aclamadas da atualidade, "Harry Potter". Por sugestão do seu agente literário e colegas da editora, a autora optou por utilizar apenas as iniciais de seu nome e pseudônimo - J (Joanne) e K (Kathleen) - em sua assinatura profissional. Tal estratégia visava contornar o potencial preconceito que poderia ser nutrido por leitores do sexo masculino, colocando em evidência a discriminação de gênero ainda presente no universo literário (ELY, 2020).

O legado histórico de desencorajamento e restrição à escrita feminina ainda repercute no cenário literário contemporâneo. Por exemplo, apesar dos avanços significativos na inclusão das mulheres na literatura, a Academia Brasileira de Letras (ABL), instituição de grande prestígio no meio literário, apresenta uma significativa disparidade de gênero. Das 40 cadeiras disponíveis para membros efetivos, apenas cinco são atualmente ocupadas por mulheres (ABL, 2022), um indicativo da persistência de barreiras estruturais que limitam a participação feminina nesse campo.

O domínio masculino na literatura frequentemente marginaliza a expressão feminina, criando uma atmosfera que tende a abafar as vozes das mulheres e simultaneamente privar o coletivo de leitores de uma amplitude diversificada de experiências e visões de mundo. Diante desta realidade, emerge a imperiosa necessidade de reconhecer e intensificar a literatura feminina, com o propósito de enriquecer e instaurar um equilíbrio mais equitativo no universo literário.

Considerando esses aspectos, o propósito central deste estudo é destacar e valorizar a produção literária feminina brasileira através das eras, com foco em suas poesias. Para alcançar esse objetivo, serão empregadas estratégias de design editorial e gráfico, aliadas a uma abordagem metodológica que integra o design thinking e a pesquisa qualitativa.

Com a compilação e publicação de um livro reunindo poesias de cinco notáveis escritoras brasileiras, busca-se intensificar a visibilidade da contribuição feminina para a literatura do país. Paralelamente, tal iniciativa celebra a diversidade e a riqueza da poesia brasileira, incentivando um apreço mais profundo e um reconhecimento mais amplo da produção literária feminina no Brasil.

1.1 Problema Prático

Há pouca quantidade de livros exclusivamente compostos por poesias de autoras brasileiras no cenário atual.

1.2 Problema de Pesquisa

Como desenvolver um livro de poesias por meio do design que promova a visibilidade das escritoras brasileiras, visando fortalecer a presença feminina no cenário literário?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste estudo é desenvolver um livro investigando e analisando a interação entre a participação feminina na literatura brasileira e o mercado editorial, enquanto aplicamos de forma efetiva os princípios do design gráfico na criação de um projeto de livro único que encapsula e expressa a visão e o conteúdo das autoras.

2.2 Objetivos Específicos

- Entender qual a relação das mulheres na literatura brasileira com o mercado editorial;
- Entender como os princípios do design gráfico (Linhas; Cor; Contraste; Equilíbrio; Espaço em branco; Movimento; Repetição; Tipografia; Composição; Hierarquia; Proximidade; Grid; Variedade) serão aplicados no desenvolvimento do livro;
- Traduzir a ideia das autoras ou o conteúdo do livro e o transformar em uma unidade gráfica, em um projeto único que vai compor a imagem do livro.

3 JUSTIFICATIVA

De acordo com Araújo (2014), popularmente a poesia é entendida como a arte de criar versos ou uma obra literária escrita em versos, apresentando diversas variações. No âmbito da editoração, a diferença reside na complexidade de cada caso, na representação gráfica e na harmonia visual na página, sem necessariamente afetar sua liberdade linguística. A poesia combina palavras, significados e qualidades estéticas, sendo uma das formas mais antigas de expressão literária. Registros de poesias em hieróglifos no Egito há 25 séculos antes de Cristo comprovam sua longevidade (ARAÚJO, 2014).

Ao examinar a história da poesia e sua relação com a educação, percebe-se uma conexão estreita entre o ensino e a poesia, inicialmente marcada por um conservadorismo exacerbado e uma ênfase absoluta na pedagogia tradicional. Era comum abordar temas relacionados à pátria, cidadania, moralidade e família, refletindo uma produção intencional de poesia voltada para o público infantil (ARAÚJO, 2014).

Nascida em fins do século XIX e expandindo-se nos primeiros anos do século XX, a poesia infantil brasileira surge comprometida com a tarefa educativa da escola, no sentido de contribuir para formar no aluno o futuro cidadão e o indivíduo de bons sentimentos. Daí a importância dos recitativos nas festividades patrióticas ou familiares, e a exemplaridade ou sentimentalidade que caracterizavam tal poesia (COELHO, 2000).

A poesia desempenha um papel fundamental na formação acadêmica e no desenvolvimento educacional, sendo uma das formas mais belas de expressão ligadas à história humana. Ao mencionar a poesia brasileira, nomes como Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Mario Quintana, Castro Alves e Augusto dos Anjos são prontamente lembrados. No entanto, ao aprofundarmos nossa reflexão, também podemos reconhecer a importância de importantes poetisas brasileiras, como Clarice Lispector e Adélia Prado. Na literatura brasileira, as mulheres frequentemente são negligenciadas, apesar de sua constante presença. O objetivo deste projeto é destacar as mulheres na literatura brasileira através da poesia, selecionando cinco poetisas que alcançaram reconhecimento na literatura poética brasileira. Elas deixaram sua marca na história por meio de suas expressões poéticas.

4 MOTIVAÇÃO

Minha motivação para realizar este estudo é impulsionada pela minha paixão pela escrita e pela poesia, juntamente com a conscientização sobre a importância de dar visibilidade às escritoras brasileiras contemporâneas. Sempre desejei publicar um livro com minhas próprias poesias e ilustrações, mas a falta de coragem sempre me deteve. Como poeta, reconheço o poder transformador das palavras e a capacidade de um texto tocar profundamente uma pessoa. Acredito que os livros são fundamentais para o mundo, pois podem inspirar, provocar reflexões e despertar emoções. Além disso, como mulher, compreendo os desafios enfrentados para ter o trabalho valorizado adequadamente. No entanto, percebo que há uma lacuna em minha memória quando se trata de nomear escritoras brasileiras contemporâneas, especialmente no campo da poesia, apesar de ser uma leitora assídua. Neste TCC, buscarei explorar e apresentar as obras de escritoras brasileiras contemporâneas, no gênero da poesia, com o objetivo de valorizar suas contribuições e destacar a importância de suas vozes na literatura atual.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Gilka Machado

Gilka Machado, uma renomada poeta brasileira nascida e criada no Rio de Janeiro (1893-1980), teve uma vida profundamente imersa na arte. Sua mãe, Thereza Christina Moniz da Costa, era uma atriz respeitada de teatro e rádio, e sua filha, Heros, tornou-se uma renomada bailarina e pesquisadora das danças nativas brasileiras. A família também tinha conexões com músicos e poetas conhecidos. Gilka começou a escrever poesia ainda criança e, aos 13 anos, ganhou um concurso promovido pelo jornal A Imprensa, arrebatando os três primeiros prêmios com poemas escritos sob seu nome e pseudônimos (RIBEIRO, 1957).

Em 1915, aos 22 anos, Machado publicou sua primeira obra, "Cristais Partidos". Na década de 1920, uma série de outras obras seguiu-se, incluindo "Estados d'Alma" (1917), "Mulher Nua" (1922), "Meu Glorioso Pecado" (1928), e "Amores que mentiram, que passaram" (1928). Alguns de seus poemas foram posteriormente republicados em outros volumes, como "Poesias" (1918), "Carne e Alma" (1931), "Meu rosto" (1947), e "Velha Poesia" (1965). Suas "Poesias Completas" tiveram duas edições, uma em 1978 e outra em 1991 (MACHADO, 1978).

Gilka Machado é considerada uma figura revolucionária na literatura devido à forte sensualidade de sua poesia e à sua crítica à moralidade. As representações das mulheres e as questões sociais que as envolvem são elementos centrais em sua obra. A poeta usa sua literatura para discutir e repensar questões relacionadas à condição feminina, especialmente durante o período de transição que a sociedade carioca estava passando no início do século XX (COELHO, 2002).

A poesia de Machado é marcada por uma sensibilidade íntima, expressa por meio de sensações, emoções e desejos eróticos. Conforme observado por Duarte (2011), "Gilka Machado era defensora do sufrágio e autora de versos eróticos que causaram escândalo para a sociedade conservadora da época". Isso é exemplificado pelo uso da palavra "cio" em um de seus poemas, desafiando a imagem tradicional da mulher como um ser desprovido de sensualidade (MACHADO, 1978).

A abordagem de Machado combinava a rigidez formal parnasiana com a languidez do simbolismo, causando admiração em alguns, especialmente em mulheres que a viam como uma representante de uma representação feminina até então proibida. No entanto, essa

abordagem também gerou rejeição, especialmente entre os conservadores da sociedade. Duarte (2011) destaca que Machado foi duramente criticada pelos escritores modernistas, especialmente por Mário de Andrade, que a considerava excessivamente escandalosa.

Contrariamente às convenções da época, a poesia de Machado coloca a mulher como sujeito de desejo, enquanto o homem é retratado como objeto desse desejo. Isso desafiava a moral socialmente estabelecida, onde o homem era sempre o sujeito do desejo, e a mulher era geralmente retratada como a receptora passiva desse desejo (AULAGNIER-SPAIRANI, 1990). A mulher que expressava seu próprio desejo era vista como imoral na sociedade da época. No entanto, Machado subverteu essa narrativa, ao transformar a figura feminina em sujeito ativo de seus próprios desejos e emoções.

Essa perspectiva de Machado foi revolucionária para a época, pois desafiou as normas e preconceitos estabelecidos. Por meio de sua poesia, Machado deu voz a uma representação feminina até então reprimida, desafiando as normas sociais e os papéis de gênero tradicionais. Sua obra serve como um testemunho do desejo feminino, um tema pouco explorado na literatura brasileira da época, ainda amplamente dominado por uma perspectiva masculina (SOARES, 1999).

No entanto, a poesia de Machado não foi imune à crítica. Além do escândalo que seus versos eróticos causaram na sociedade conservadora, ela também foi condenada por figuras proeminentes do modernismo, como Mário de Andrade, que a considerava escandalosa demais. Suas obras desafiaram os preceitos e a conduta moral da época, levando ao pânico os moralistas (BUENO, 1997).

Apesar das críticas e condenações, a obra de Gilka Machado se manteve relevante e influente. Sua abordagem única e revolucionária da mulher e do desejo feminino contribuiu para ampliar o espaço para as mulheres na literatura e na poesia. Além disso, suas obras desafiaram as normas sociais e encorajaram uma reavaliação das relações de gênero e da sexualidade na sociedade brasileira (COELHO, 2002).

A poesia de Gilka, marcada por sua autenticidade e desafio às convenções de sua época, oferece uma perspectiva única sobre o desejo feminino e a condição da mulher na sociedade. Ela continua a ser uma figura importante na literatura brasileira, uma verdadeira pioneira que desafiou as normas e deu voz à experiência feminina de uma maneira nova e provocante (MOISÉS, 2001).

Gilka Machado, reconhecida em 1993 como "a maior poeta do Brasil", representa uma figura significativa da autoria feminina nos anos iniciais do Modernismo brasileiro. No entanto, apesar de seu talento indiscutível, sua obra acabou caindo em esquecimento devido à

agitação que causou na época, principalmente por abordar temas tabus como erotismo e desejo sexual feminino (RIBEIRO, 1957).

Em conclusão, a poesia de Gilka Machado é uma celebração da liberdade feminina e uma desafiadora transgressão do papel tradicional da mulher. Ela é um exemplo do poder transformador da poesia e de como uma mulher corajosa pode desafiar as convenções sociais e lutar pelo que acredita (MOISÉS, 2001).

Figura 1 – Fotografia de Gilka Machado



Fonte: Templo Cultural Delfos

Com isso, a figura 2 mostra todas as poesias escolhidas dessa autora, as quais estarão presentes na construção final do livro.

Figura 2 – Poesias escolhidas de Gilka Machado

| Gilka Machado | |
|----------------------|----|
| A uma lavadeira | 11 |
| Analogia | 13 |
| Ânsia múltipla | 14 |
| Esboço | 15 |
| Felina | 16 |
| Comigo mesma | 17 |
| Há lá por fora | 20 |
| Lembranças | 22 |
| Luar de Maio | 23 |
| O retrato fiel | 25 |
| Olhos nuns olhos | 26 |
| Pelo Hivero | 27 |
| PERFUME | 30 |
| Reflexão | 31 |
| Saudade | 32 |
| SENSUAL | 33 |
| Ser Mulher ... | 34 |
| TROVERSANDO | 35 |
| VELHICE | 36 |
| Volúpia | 37 |

Fonte: Elaboração Própria, 2023

As poesias de Gilka Machado foram retiradas dos livros Cristais Partidos (1915); Estados da alma (1917); Mulher Nua (1922); Meu glorioso pecado (1928); e Velha poesia (1968).

- a) **Mulher Nua (1922):** A uma lavadeira; Analogia; Ânsia múltipla; Felina; Comigo mesma; Luar de Maio; Olhos nuns olhos; Pelo Hivero.
- b) **Meu glorioso pecado (1928):** Esboço; Há lá por fora; Reflexão.
- c) **Velha poesia (1968):** Lembranças; O retrato fiel; Saudade; Troversando; Velhice.
- d) **Cristais partidos (1915):** Perfume; Sensual; Ser Mulher....
- e) **Estados da alma (1917):** Volúpia.

5. 2 Cecília Meireles

Cecília Meireles, uma das poetisas mais aclamadas do Brasil, nasceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1901 e faleceu de câncer na mesma cidade em 9 de novembro de 1964, no ano seguinte, o governo do estado da Guanabara batizou um importante salão de concertos carioca de Sala Cecília Meireles, situado no Largo da Lapa. Meireles teve uma vida marcada por adversidades desde o nascimento, que ela transformou em ativos valiosos, demonstrando desde cedo a sua resiliência e força de vontade (Meireles, 1964).

A infância de Meireles foi profundamente marcada pelo luto. Três meses antes do seu nascimento, seu pai faleceu, e essa tragédia familiar foi seguida pelas mortes de seus três irmãos mais velhos e de sua mãe, três anos após seu nascimento. Isso a deixou sob os cuidados de sua avó materna, Jacinta Garcia Benevides. A familiaridade precoce com a morte foi uma experiência que Meireles transformou em uma compreensão profunda da transitoriedade da vida (Meireles, 1964).

Em uma entrevista concedida a Fagundes de Menezes em 1953, Meireles reconheceu que as experiências de "solidão e silêncio" de sua infância solitária foram fundamentais para a formação de sua perspectiva e personalidade. Esta consciência da efemeridade e da solidão moldou sua obra e sua visão de mundo (Menezes, 1953).

Durante a década de 1930, Meireles enfrentou adversidades políticas. Apesar de ter defendido brilhantemente sua tese, "O espírito vitorioso", para a obtenção de uma cátedra de Literatura na Escola Normal do Distrito Federal, ela foi preterida pelo júri devido ao preconceito da época. No entanto, isso não a impediu de contribuir com suas ideias pedagógicas através de uma coluna no Diário de Notícias do Rio de Janeiro, onde trabalhou como colunista durante quatro anos.

Em 1934, Meireles foi responsável pela criação da primeira biblioteca infantil do Brasil. Meireles também enfrentou uma tragédia pessoal em 1935, quando seu marido cometeu suicídio. Isto a deixou com a responsabilidade de criar suas três filhas e sustentar a casa sozinha, o que a levou a trabalhar como professora de Literatura Luso-Brasileira e de Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (Farra, 2005).

Em 1940, foi professora de Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, nos Estados Unidos. Embora tenha se aposentado como diretora de escola (1951), continuou fazendo programas culturais para a Rádio Ministério da Educação (Rio de Janeiro).

Especialista em folclore brasileiro, percorreu a América do Norte, Europa, Ásia e África, dando palestras sobre o tema, literatura e educação. (Meireles, 1964).

Em 1953, recebeu o título de Doutora Honoris Causa da Universidade de Delhi, na Índia. Na década de 1960, recebeu o Prêmio Tradução/Teatro, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, e o Prêmio Jabuti de Tradução Literária para Poemas de Israel, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. (Meireles, 1964).

Figura 3 – Fotografia de Cecília Meireles



Fonte: Brasil Escola (uol.com.br)

Dessa forma, assim como em Gilka Machado, a figura 4 lista todas as poesias escolhidas dessa autora.

Figura 4 – Poesias escolhidas de Cecília Meireles

| Cecília Meireles | |
|---------------------------------|------------|
| A vitorino nemésio | 104 |
| Arlequim | 105 |
| Arqueologia | 106 |
| As glórias do vento | 108 |
| Campo na Índia | 109 |
| Canção de um caminho da Espanha | 111 |
| Canção do deserto | 112 |
| Cidade colonial | 113 |
| Coliseu | 115 |
| Elegia do tapeceiro egípcio | 117 |
| Esboço holandês | 118 |
| Exercício | 119 |
| Família | 120 |
| Fontana de trevi | 121 |
| Humildade | 122 |
| Mapa falso | 123 |
| Máquina breve | 124 |
| Pompeia | 125 |
| Urnas e brisas | 126 |
| Voto | 127 |

Fonte: Elaboração Própria, 2023

As poesias de Cecília Meireles foram retiradas das publicações de jornais e revistas entre 1953 e 1963.

1917: Volúpia.

1953: A vitorino nemésio; Campo na Índia; Coliseu; Fontana de trevi; Pompeia.

1954: Canção de um caminho da Espanha; Esboço holandês; Humildade; Voto.

1955: Exercício.

1956: Arqueologia; Elegia do tapeceiro egípcio.

1957: Mapa falso.

1958: Canção do deserto.

1959: Arlequim.

1960: Máquina breve; Cidade colonial.

1961: Família.

1962: As glórias do vento.

1963: Urnas e brisas.

5.3 Clarice Lispector

Clarice Lispector, nascida em 10 de dezembro de 1920, é uma figura renomada na literatura brasileira. Sua biografia, "Clarice, Uma vida que se conta", escrita por Nádya Battela Gotlib em 1995, nos dá uma visão íntima de sua vida, desde sua mudança para o Brasil aos dois meses de idade, até sua morte em 9 de dezembro de 1977 (Gotlib, 1995). A vida de Lispector foi marcada por uma série de mudanças geográficas, de Alagoas, onde se estabeleceu inicialmente, a Recife, Rio de Janeiro e, posteriormente, vários países devido à carreira diplomática do marido. (MOSER, 2009)

A literatura de Lispector é conhecida por sua linguagem inovadora que desafia as fronteiras entre prosa e poesia. Ela não se limita a narrar histórias, mas utiliza uma força expressiva típica da poesia para explorar questões complexas e existenciais. Isto, combinado com sua visão de mundo única, que se concentra nas angústias e questionamentos existenciais do ser humano, ao invés de aderir às tendências literárias regionalistas e de denúncia social de sua época, faz com que sua obra seja verdadeiramente única.

A habilidade de Lispector de provocar um estranhamento desconfortável no leitor é uma característica marcante de sua escrita. A intensidade emocional de suas personagens e a linguagem potente usada para descrevê-las têm o poder de convidar o leitor a descobrir mais sobre o ser humano. Este é um exemplo da originalidade de Lispector e da sua habilidade de perceber a humanidade de maneira aguda, o que confere à sua obra um caráter único na literatura brasileira. (MOSER, 2009)

Mesmo antes de publicar seu primeiro livro, Clarice já escrevia contos e histórias. Apesar de muitas de suas primeiras histórias terem sido rejeitadas por editoras e revistas, Lispector não se desencorajou e continuou a escrever. Seu primeiro romance, "Perto do

Coração Selvagem", publicado em 1943, rapidamente ganhou reconhecimento e foi premiado pela Fundação Graça Aranha no ano seguinte.

Ao longo de sua carreira, Clarice publicou uma variedade de romances, coletâneas de contos e livros infantis. Entre seus trabalhos mais notáveis estão "O Lustre" (1946), "A Cidade Sitiada" (1949), "A Maçã no Escuro" (1961), "Alguns Contos" (1992) e "Laços de Família" (1960). Este último é especialmente significativo, pois é visto como um marco na literatura brasileira, atingindo o mais alto patamar da arte da escrita ficcional. (MOSER, 2009)

Em 1967, Lispector recebeu o prêmio Calunga da Campanha Nacional de Criança por "O Mistério do Coelho Pensante". Outros trabalhos incluem romances, livros infantis e obras que desafiam a forma romanesca tradicional, como "Água Viva" (1973), que se destaca por sua fluidez e aparência inacabada e inconclusa. (MOSER, 2009)

Clarice Lispector teve início quando seu filho, aos cinco anos, pediu-lhe para escrever uma história infantil. Isso deu origem a uma série de obras encantadoras que continuaram a desafiar as normas convencionais de narração. Clarice uma vez mencionou que escrever para crianças lhe era mais fácil do que para adultos. Ao se comunicar com o adulto, afirmou, estava se comunicando com o mais secreto de si mesma. Esta declaração é um vislumbre da profundidade emocional e introspectiva que Clarice incorporava em sua escrita.

Sua última obra, "A Hora da Estrela" (1977), marca uma ruptura significativa em sua carreira literária, sendo a única em que Lispector aborda o problema social do Brasil. Esta obra notável chamou a atenção da cineasta Suzana Amaral, que a adaptou para o cinema em 1985, resultando em um filme que ganhou o Urso de Prata no 36º Festival de Berlim.

Após sua morte, várias de suas obras foram publicadas postumamente, ilustrando a amplitude e profundidade de sua produção literária. Algumas destas obras incluem "Para não esquecer" (1978), "Quase de Verdade" (1978), "A Bela e a Fera" (1979), "A descoberta do mundo" (1984), e "Como nasceram as estrelas" (1987).

As obras de Clarice Lispector continuam a influenciar e a encantar gerações de leitores. Sua originalidade, sua habilidade de explorar as profundezas do ser humano e sua linguagem poética e poderosa a estabelecem como uma das mais importantes escritoras brasileiras. (MOSER, 2009)

Em resumo, a vida e a obra de Clarice Lispector são um testemunho de seu talento excepcional e de sua visão única do mundo. Sua escrita, que combina prosa e poesia de maneira inovadora, continua a fascinar e a desafiar os leitores, tornando-a uma figura indispensável na literatura brasileira. (MOSER, 2009)

Figura 5 – Fotografia de Clarice Lispector



Fonte: Instituto Moreira Salles

Da mesma maneira que as poetisas anteriores, foram escolhidas 20 poesias de Clarice Lispector que estarão presentes no livro.

Figura 6 – Poesias escolhidas de Clarice Lispector

| Clarice Lispector | |
|--|------------|
| A lucidez perigosa | 82 |
| A perfeição | 83 |
| Alma luz | 84 |
| Amor à terra | 85 |
| Dá-me a tua mão | 86 |
| Estrela perigosa | 87 |
| Eu | 88 |
| Mão | 89 |
| Mas há a vida | 90 |
| Meu Deus, me dê coragem | 91 |
| Minha alma tem o peso da luz | 92 |
| Não entendo | 93 |
| Não te amo mais | 94 |
| Nossa truculência | 95 |
| O nascimento do prazer | 96 |
| Passional | 97 |
| Quero escrever o borrão vermelho de sangue | 98 |
| Solidão | 99 |
| Sonhe | 100 |
| Sou... | 101 |

Fonte: Elaboração Própria, 2023

As poesias de Clarice Lispector foram retiradas de " A descoberta do Mundo" (Uma compilação de escritos publicados em jornais e revistas entre 1967 e 1973).

5.4 Hilda Hilst

Hilda Hilst, como documentado por Andrade (2011), nasceu em Jaú, São Paulo, em 21 de abril de 1930, às 23h45. Filha da imigrante portuguesa Bedecilda Vaz Cardoso e do fazendeiro de café, escritor e poeta, Apolônio de Almeida Prado Hilst. A separação de seus pais em 1932 levou Hilda e sua mãe a se mudarem para Santos, enquanto seu pai, que sofria de esquizofrenia, foi internado em um sanatório em Campinas.

O pai de Hilda, Apolônio, passou longos períodos de sua vida em sanatórios devido à sua condição mental (Andrade, 2011). A primeira vez que Hilda o visitou foi em 1946, quando ele a confundiu com sua mãe, Bedecilda. A relação complexa de Hilda com seu pai, marcada por sua doença mental, foi um tema recorrente em sua obra posterior.

Hilda ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo, em 1948. Durante esse período, ela também começou a explorar sua paixão pela escrita e em 1950 publicou seu primeiro livro de poesia, "Presságio" (Andrade, 2011).

Em 1965, Hilst mudou-se para a fazenda São José, propriedade de sua mãe em Campinas, e iniciou a construção de sua casa, próxima à sede da fazenda. Seu pai faleceu em 24 de setembro de 1966, quando Hilda já havia se mudado para sua nova casa, que nomeou como "Casa do Sol" (Andrade, 2011).

Hilst continuou a desenvolver seu ofício literário ao longo dos anos 1960, construindo uma casa na praia que chamou de "Casa da Lua". Lá, ela finalizou vários trabalhos, incluindo o livro "Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão", publicado em 1974. Em 1970, ela publicou seu primeiro livro de ficção, "Fluxo-Floema" (Andrade, 2011).

A morte de sua mãe em 31 de maio de 1971 foi um golpe significativo para Hilst (Andrade, 2011). Durante a década de 70, ela continuou a publicar vários trabalhos significativos, incluindo "Da morte. Odes mínimas" e "Poesia (1959/1979)" e "Tu não te moves de ti".

Em 1983, Hilst publicou "Cantares de perda e predileção", pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, no ano seguinte. Ela continuou a receber reconhecimento por sua obra, ganhando o prêmio Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo, em 1985 com "Poemas malditos, 14 gozosos e devotos" (Andrade, 2011).

A década de 90 foi marcada pela publicação de várias obras, incluindo "Alcoólicas" e "O caderno rosa de Lori Lamby", bem como sua atuação como cronista para o "Caderno C" do jornal Correio Popular, de Campinas (Andrade, 2011). Em 1995, seu arquivo pessoal foi adquirido pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

Em 1997, Hilst anunciou sua retirada do trabalho literário, ainda assim publicando "Estar sendo. Ter Sido". Seus escritos como cronista foram publicados em 1998 no livro "Casos & Carícias: crônicas reunidas (1992/1995)" (Andrade, 2011). No mesmo ano, ganhou sua primeira página na Internet.

Em 2001, a Editora Globo assumiu a responsabilidade pela obra de Hilst, que foi republicada sob a organização de Alcir Pécora (Andrade, 2011). Esse passo marcante na carreira de Hilst demonstrou o valor duradouro de sua contribuição literária.

Hilst morreu em 4 de fevereiro de 2004. Mesmo após sua morte, sua influência na literatura brasileira continua a ser reconhecida (Andrade, 2011). Em outubro de 2004, uma

edição dos Cadernos de Literatura Brasileira foi dedicada a ela, atestando sua importância duradoura para a literatura brasileira.

A história de Hilst, como apresentada por Andrade (2011), é uma de persistência, paixão pela escrita e determinação para explorar as complexidades da condição humana. Seu legado perdura em suas obras e na influência que ela teve sobre gerações de escritores e leitores.

Figura 7 – Fotografia de Hilda Hilst



Fonte: Museu Brasileiro de Rádio e Televisão

Na figura 8, mostra-se todas as poesias escolhidas de Hilda Hilst para a composição do livro.

Figura 8 – Poesias escolhidas de Hilda Hilst

| Hilda Hilst | |
|--|-----------|
| Alcoólicas I | 39 |
| Alcoólicas II | 40 |
| Alcoólicas III | 41 |
| Amavisse I | 42 |
| Amavisse II | 43 |
| Árias Pequenas. Para Bandolim XI | 44 |
| Cantares de perda e predileção I | 45 |
| Cantares de perda e predileção II | 46 |
| Cantares de perda e predileção III | 47 |
| Do desejo I | 48 |
| Do desejo II | 49 |
| Do desejo III | 50 |
| Poema aos homens do nosso tempo XIV | 51 |
| Poema aos homens do nosso tempo XIII | 52 |
| Poema aos homens do nosso tempo XVI | 53 |
| Porque há desejo em mim | 54 |
| Tenta-me de novo | 55 |
| Testamento lírico | 56 |
| Trovas de muito amor para um amado senhor I | 57 |
| Trovas de muito amor para um amado senhor XIII | 58 |

Fonte: Elaboração Própria, 2023

As poesias de Hilda Hilst foram retiradas dos livros Amavisse (1989); Cantares de perda e predileção (1983); Do desejo (1992); Exercícios (2002); Júbilo, Memória, Noviciado da paixão (1974); Trovas de muito amor para um amado senhor (1960).

- a) **Amavisse (1989):** Amavisse I e II.
- b) **Cantares de perda e predileção (1983):** Cantares de perda e predileção I, II e III.
- c) **Do desejo (1992):** Alcoólicas I, II e III; Do desejo I, II e III; Porque há desejo em mim; Tenta-me de novo.
- d) **Exercícios (2002):** Testamento lírico.
- e) **Júbilo, Memória, Noviciado da paixão (1974):** Árias Pequenas. Para Bandolim XI; Poema aos homens do nosso tempo XIV; XIII e XVI.

f) **Trovas de muito amor para um amado senhor (1960):** Trovas de muito amor para um amado senhor I e XIII.

5.5 Ana Cristina Cesar

Ana Cristina Cesar, nasceu em 1952 no Rio de Janeiro, e faleceu em 1983 na mesma cidade. Foi uma escritora, crítica literária e tradutora de grande impacto, apesar de sua curta vida (Pimentel, 2022). Seu único livro de poesias publicado comercialmente em vida, "A teus pés" (1982), foi descrito por Armando Freitas Filho, encarregado de sua obra literária póstuma, como uma obra com um tom coloquial que captava a experiência imediata e cotidiana (Pimentel, 2022).

Filha do sociólogo e jornalista Waldo Aranha Lenz Cesar e de Maria Luiza Cruz, Ana Cristina nasceu em uma família culta e protestante de classe média alta (Pimentel, 2022). Aos 17 anos, viajou para a Inglaterra, onde teve a oportunidade de entrar em contato com a literatura em língua inglesa. Esta experiência foi decisiva para a sua formação, pois trouxe de volta ao Brasil livros de Emily Dickinson, Sylvia Plath e Katherine Mansfield, os quais a inspiraram a escrever e traduzir (Pimentel, 2022).

Aos 19 anos, Ana Cristina entrou para a Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Pimentel, 2022). Em pouco tempo, chamou a atenção como poeta, tradutora e pensadora no meio universitário, tornando-se uma espécie de cometa no cenário literário. Infelizmente, sua carreira foi abruptamente interrompida quando cometeu suicídio aos 31 anos de idade (Pimentel, 2022).

O trabalho de Ana Cristina é complexo e resistente a classificações fáceis. Ela encontrou reconhecimento e acolhida desde cedo, sendo incluída na coletânea "26 poetas hoje", organizada por Heloísa Buarque de Holanda, em 1976 (Pimentel, 2022). Entre o erudito e o popular, Ana Cristina parece flunar por esses territórios sem chance de pouso (Pimentel, 2022).

De acordo com Daniel Lima (2010), a poesia de Ana Cristina, apesar de carregar elementos do cotidiano, é classificada como difícil. Ela não se apropria de elementos do cotidiano para se justificar como pertencente a uma determinada geração, mas, sim, como reinvenção de elementos da literatura e de si mesma (Pimentel, 2022).

A escrita de Ana Cristina invocava a biografia e o confessional como estratégias reconhecíveis pelo leitor. Ela usava elementos típicos da prosa, da conversa informal e das correspondências pessoais para elaborar uma poética refinada. Essa estratégia exigia uma cumplicidade de seus leitores: que aceitassem o pacto e mergulhassem no universo textual proposto (Pimentel, 2022).

Observa-se que Ana Cristina gostava de brincar com "o engano". Em uma de suas publicações mais emblemáticas, "Correspondência completa" (1979), o título aponta para uma direção facilmente identificável como um "chiste". Ana Cristina enviava pistas em camadas de cenas e intenções conscientes para revelar o quanto um texto esconde para além da camada de palavras registradas (Pimentel, 2022).

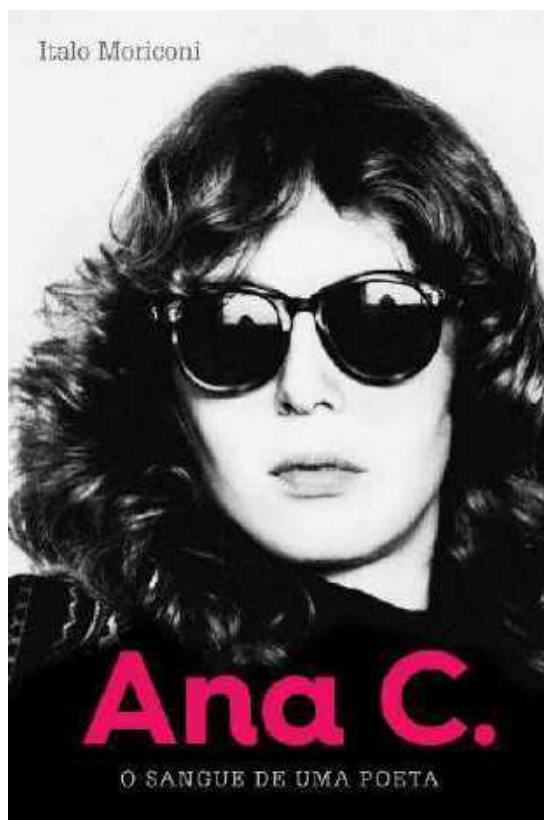
Em sua escrita, Ana Cristina ia ao extremo da estratégia de revelar: mostrava ao proceder a novos esconderijos; dizia ao velar seguidamente o que confessava (Pimentel, 2022). Por exemplo, ela se descreveu como "uma mulher do século XIX/ disfarçada em século XX", um díptico de versos que aponta para um estilo confessional, uma autodefinição. Ao mesmo tempo, isso sugeriu um anacronismo em sua personalidade, a escolha de não abandonar o rigor na elaboração da escrita, do referencial imenso da cultura humana a que tinha acesso, mas sem abrir mão dos meios e recursos de sua geração e contemporaneidade (Pimentel, 2022).

Negando-se a ser acomodada em qualquer caixa de definições, a poética de Ana Cristina convida a descamar palavras em um ir e vir de sentidos que transita entre a autobiografia, a diversidade de referências culturais e várias vozes intertextuais (Pimentel, 2022). Segundo Pimentel (2022), ela se situa num eterno entre lugar, no espaço das heterotopias, uma vez que a realidade não pode ser aprisionada e não está nem aqui nem lá, como na metáfora do espelho utilizada por Michel Foucault, na elaboração do conceito de heterotopia, Foucault (1984) usa o termo para descrever espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente.

Ao se debruçar sobre "A teus pés", encontramos uma sucessão de escritos poéticos nos quais essa utopia se manifesta como num jogo de esconde-revela (Pimentel, 2022). O leitor é provocado a se posicionar diante da obra, entre tornar-se cúmplice ou assumir uma postura distanciada frente aos seus versos. Pimentel (2022) observa que o leitor pode, ainda, utilizar-se da estratégia da autora e transitar entre esses estados, também se permitindo não estabelecer pouso, principalmente diante dos escritos em tom confessional, tão característicos dela.

A vida e a obra de Ana Cristina Cesar, embora breves, deixaram uma marca indelével na literatura brasileira (Pimentel, 2022). Sua poesia inovadora e desafiadora continua a fascinar e desafiar os leitores, mantendo viva a memória de uma voz verdadeiramente única no panorama literário brasileiro (Pimentel, 2022).

Figura 9 – Capa do livro “Ana C”



Fonte: Editora e-galáxia

Por fim, foram escolhidas 20 poesias da poeta Ana Cristina Cesar para a composição do livro.

Figura 10 – Poesias escolhidas de Ana Cristina Cesar

| | |
|---------------------------|-----------|
| Ana Cristina Cesar | |
| Casablanca | 61 |
| Conversa de senhoras | 62 |
| Duas antigas I | 63 |
| Duas antigas II | 64 |
| Enciclopédia | 65 |
| Este livro | 66 |
| Final de uma ode | 67 |
| Instruções de bordo | 68 |
| Inverno europeu | 69 |
| Marfim | 70 |
| Mocidade independente | 71 |
| Nada, esta espuma | 72 |
| Noite carioca | 73 |
| Que desliza | 74 |
| Sete chaves | 75 |
| Sumário | 76 |
| Último adeus I | 77 |
| Último adeus II | 78 |
| Último adeus III | 79 |
| Vacilo da vocação | 80 |

Fonte: Elaboração Própria, 2023

As poesias de Ana Cristina Cesar foram retiradas de *A teus pés* (1982); e *Cenas de Abril* (1979).

- a) **A teus pés (1982):** Conversa de senhoras; Duas antigas I e II; Este livro; Inverno europeu; Marfim; Mocidade independente; Noite carioca; Que desliza; Sete chaves; Sumário; Vacilo da vocação.
- b) **Cenas de Abril (1979):** Casablanca; Enciclopédia; Final de uma ode; Instruções de bordo; Nada, esta espuma; Último adeus I, II e III.

6 METODOLOGIA

6.1 Metodologia de pesquisa

Bomfim (1995) definiu claramente que a metodologia é mais do que apenas uma mera prática; é uma exploração profunda de métodos, ferramentas e aplicações. Este conceito, embora amplo, é fundamentado na ideia de que uma série de etapas precisas e bem pensadas são necessárias para conduzir qualquer processo com coerência.

Dessa forma, a metodologia serve como um caminho estruturado, garantindo que todas as ações sejam realizadas de maneira ordenada, o que por sua vez assegura a chegada a uma solução adequada para qualquer problema proposto. Como tal, a metodologia não é apenas um componente vital de qualquer estudo ou pesquisa, mas também uma ferramenta indispensável para a resolução de problemas de maneira geral.

O projeto empregou uma abordagem qualitativa, alicerçada na análise minuciosa de dados visuais e na realização de um extenso levantamento bibliográfico. Através deste método, serão gerados resultados baseados em dados empíricos, coletados de maneira sistemática e rigorosa.

O propósito desta pesquisa é de natureza básica, buscando expandir nosso conhecimento acerca do assunto em questão sem necessariamente vislumbrar uma aplicação prática imediata. A pesquisa é orientada por objetivos descritivos, isto é, busca analisar e interpretar os dados coletados, proporcionando uma descrição detalhada e profunda das características do fenômeno estudado.

6.2 Metodologia de projeto

Este projeto foi conduzido com base na metodologia proposta por Bruce Archer, conforme descrito por Fuentes (2006, p. 30). Esta abordagem estratégica é caracterizada pela divisão do processo em três etapas principais, cada uma delas desempenhando um papel crucial no desenvolvimento geral do projeto.

A metodologia de Archer denominada *Systemic Method for designer* (figura 11) sugere que o processo de design é composto fundamentalmente por três etapas:

- a) Fase Analítica: Coleta de todas as informações referentes a empresa e suas necessidades, os problemas a serem resolvidos, os limites e condições do projeto.

- b) Fase Criativa: Nesta etapa se usa as informações coletadas anteriormente para o desenvolvimento e seleção de ideias para se chegar a uma solução.
- c) Fase Executiva: Nesta última etapa é apresentada a ideia final ao cliente, solicitando a autorização e distribuição do produto ou projeto, ou ainda, receber a solicitação por parte do cliente de mudanças e melhorias no projeto.

Dentre as três principais etapas de Archer se desenvolvem seis sub etapas, na fase analítica se desenvolve a programação e a coleta de dados; na fase criativa se desenvolve a análise, a síntese e o desenvolvimento; e na fase executiva se desenvolve a comunicação, formando assim nas palavras de Archer um "sanduíche criativo, as bordas dos objetivos e análises sistemáticas poderiam ser maiores ou menores, mas o ato criativo sempre estaria no meio"(LACERDA, 2012):

Figura 11 – As fases principais do projeto de Archer (1984)



Fonte: Adaptado por Lacerda, 2012

7 PROJETO GRÁFICO

Utilizando a metodologia de Bruce Archer este foi o processo de desenvolvimento do livro “Poetas Brasileiras”.

7.1 Fase Analítica

A fase analítica é dividida em duas sub etapas, a programação e a coleta de dados. Na programação foram vistos os objetivos e restrições do projeto:

- a) Objetivos: Transmitir a mensagem e tema principal; Inspirar e motivar os leitores; Contribuir para o conhecimento e cultura acerca do tema escolhido; Contribuir para a tradição poética; Dar visibilidade às vozes femininas nacionais; Inspirar e empoderar outras mulheres.
- b) Restrições: Tempo de execução do projeto; Baixo recurso financeiro; Podem ocorrer limitações de conhecimento e habilidades; Determinados gêneros literários ou públicos-alvo podem impor restrições específicas de formato e estilo; Direitos autorais; restrições pessoais.

Na coleta de dados foi estudado as possibilidades de desenvolvimento do livro, foram feitas pesquisas sobre as escritoras de poesia brasileira, quais se destacaram; identificação de obras, estilo literário, temas abordados, influências e contribuições para a literatura; Leitura de obras e biografias; Pesquisas sobre o contexto histórico e social no qual eram inseridas; Coleta de *feedbacks* e reações do leitores em relação a poesias já publicadas.

7.2 Fase Criativa

A fase criativa é dividida em três sub etapas, a análise, a síntese e o desenvolvimento.

Na análise e síntese foram reunidos as pesquisas, incluindo livros, artigos e biografias; Posteriormente foram escolhidas as escritoras e poetas, e quais poesias seriam utilizadas na elaboração do livro.

Ana Cristina Cesar, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Gilka Machado e Hilda Hilst são, de fato, grandes nomes femininos da literatura brasileira, cada uma com suas contribuições únicas e significativas. Ao escolher essas autoras para a publicação de um livro,

diversas razões justificam essa seleção, como a diversidade de estilo e temáticas, representando diferentes períodos e movimentos literários no Brasil, a reunião de suas obras permitiria aos leitores vivenciar um leque variado de experiências e encontros com a literatura feminina brasileira. Todas as escritoras mencionadas têm uma presença importante na história da literatura brasileira e são reconhecidas por seus pares e pela crítica, suas obras marcaram épocas e influenciaram gerações subsequentes, tornando-as referências fundamentais no cenário literário do país. Ao destacar essas autoras em um livro, é possível dar visibilidade à riqueza e diversidade da escrita feminina no Brasil. Isso é crucial para combater a histórica subrepresentação das mulheres na literatura e para promover a igualdade de gênero no campo literário. As obras dessas escritoras frequentemente exploram questões relacionadas à condição da mulher na sociedade, seus anseios, conflitos e empoderamento. Ao reunir essas vozes femininas, o livro pode fornecer uma plataforma para reflexões sobre questões de gênero, além disso, elas representam diferentes gerações da literatura brasileira, abrangendo desde autoras do início do século XX, como Gilka Machado, até figuras mais contemporâneas, como Hilda Hilst. Essa escolha permite uma visão panorâmica da evolução da escrita feminina no Brasil ao longo do tempo.

O processo de seleção das obras e a organização dos poemas no livro demandam uma análise criteriosa dos melhores trabalhos de cada uma. Essa síntese poética resultante pode proporcionar uma experiência mais concentrada, impactante e memorável para o leitor.

Abaixo estão listados os poemas escolhidos de cada autora:

Casablanca; Conversa de senhoras; Duas antigas I; Duas antigas II; Enciclopédia; Este livro; Final de uma ode; Instruções de bordo; inverno europeu; Marfim; Mocidade independente; Nada, esta espuma; Noite carioca; Que desliza; Sete chaves; Sumario; Último adeus I; Último adeus II; Último adeus III; Vacilo da vocação de **Ana Cristina Cesar**.

A vitorino nemésio; Arlequim; Arqueologia; As glórias do vento; Campo na Índia; Canção de um caminho da Espanha; Canção do deserto; Cidade colonial; Coliseu; Elegia do tapeceiro egípcio; Esboço holandês; Exercício; Família; Fontana de Trevi; Humildade; Mapa falso; Máquina breve; Pompeia; Urnas e brisas; Voto de **Cecília Meireles**.

A lucidez perigosa; A perfeição; Alma luz; Amor à terra; Dá-me a tua mão; Estrela perigosa; Eu; Mão; Mas há a vida; Meu Deus, me dê coragem; Minha alma tem o peso da luz; Não entendo; Não te amo mais; Nossa truculência; O nascimento do prazer; Passional; Quero escrever o borrão vermelho de sangue; Solidão; Sonhe; Sou... de **Clarice Lispector**.

A uma lavadeira; Analogia; Ânsia múltipla; Esboço; Felina; Commigo mesma; Há lá por fora; Lembranças; Luar de Maio; O retrato fiel; Olhos nuns olhos; Pelo Hivero; Perfume; Reflexão; Saudade; Sensual; Ser Mulher ...; Troversando; Velhice; e Volúpia de **Gilka Machado**.

Alcoolicas I; Alcoolicas II; Alcoolicas III; Amavisse I; Amavisse II; Árias Pequenas. Para Bandolim XI; Cantares de perda e predileção I; Cantares de perda e predileção II; Cantares de perda e predileção III; Do desejo I; Do desejo II; Do desejo III; Poema aos homens do nosso tempo XIV; Poema aos homens do nosso tempo XIII; Poema aos homens do nosso tempo XVI; Porque há desejo em mim; Tenta-me denovo; Testamento lírico; Trovas de muito amor para um amado senhor I; Trovas de muito amor para um amado senhor XIII de **Hilda Hilst**.

7.2.1 Desenvolvimento

7.2.1.1 Moodboard

Um *moodboard* é uma ferramenta visual que reúne elementos como imagens, cores, texturas e referências para transmitir a estética e a atmosfera desejadas em um projeto. Ele serve como uma fonte de inspiração e guia para designers e criativos. Ao criar um moodboard, é importante considerar a coerência visual, a identidade do projeto e as preferências do público-alvo. (FOTIS, 2014)

Na imagem a seguir (figura 12) podemos observar o moodboard guia para a criação do projeto, a paleta de cores já estabelecida e as referências de estilos estão sendo analisadas.

Figura 12 – moodboard



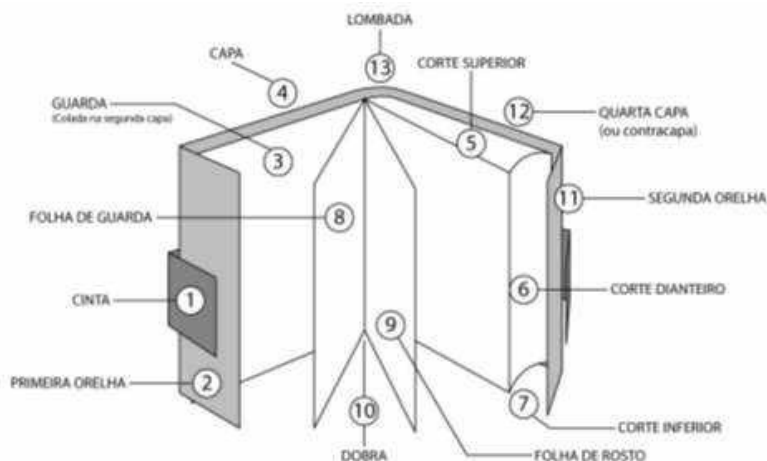
Fonte: Elaboração Própria, 2023

7.2.1.2 Estrutura do livro

No artigo de Souza et al. (2007), detalha as partes que constituem um livro, começando pela capa, que atua como um invólucro de proteção externa do livro. De acordo com a autora, a capa deve sintetizar o conteúdo do livro através do título e da ilustração. A capa é o primeiro contato do consumidor com o livro, atuando quase como um cartaz publicitário do livro. Além disso, enfatiza a importância da atenção do diagramador na apresentação da capa, uma vez que é a embalagem do produto e merece um tratamento visual aprimorado (SOUZA et al., 2007).

Um livro é formado por dois grupos de elementos, os materiais e os textuais, ambos tem em sua composição os seguintes itens (Figura 13): capa, página de guarda, falsa página de rosto, página de rosto, dedicatória, prefácio, introdução, miolo, índice, colofão, errata, sobre capa, aba, cinta, lombada, dobra e corte inferior e superior. Seu uso pode variar de acordo com a proposta do livro (SOUZA; LIMA, 2007).

Figura 13 – Estrutura do Livro



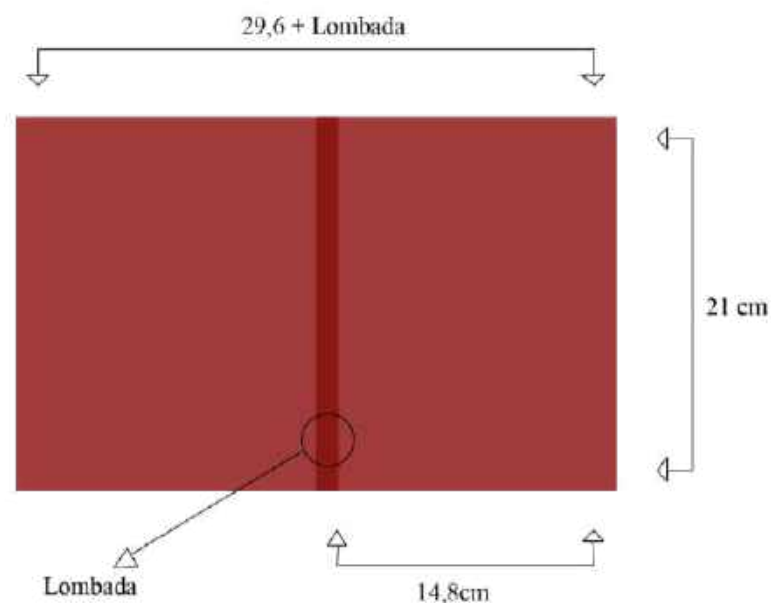
Fonte: Site Santa Biblioteconomia

O design de um livro, uma combinação crucial de suas dimensões físicas, deve primar por proporcionar uma experiência esteticamente agradável e harmoniosa. A forma e o tamanho do livro não são apenas aspectos estruturais, mas também elementos que ajudam a transmitir a intenção da obra e a envolver o leitor (SOUZA et al., 2007).

A variação dessas características não é aleatória, mas sim cuidadosamente ponderada de acordo com a finalidade do livro. Por exemplo, um livro didático pode ter dimensões maiores para acomodar diagramas e textos complexos, enquanto um romance pode ser mais compacto para facilitar a leitura prolongada (SOUZA et al., 2007).

Outra consideração fundamental no design de um livro é a proporção entre sua espessura e altura. Esta relação deve ser balanceada de modo a oferecer uma estética agradável, mas também para garantir o manuseio confortável. Um livro muito espesso e alto pode ser desajeitado para segurar, enquanto um livro muito fino e amplo pode ser frágil e propenso a danos (SOUZA et al., 2007). Portanto, o formato do presente livro será de uma folha *A5* (14,8cm x 21cm), visto que esse é um dos formatos mais utilizados para a produção de livros, além de ser um padrão para as editoras no Brasil.

Figura 14 – Dimensões físicas do livro



Fonte: Elaboração Própria, 2023

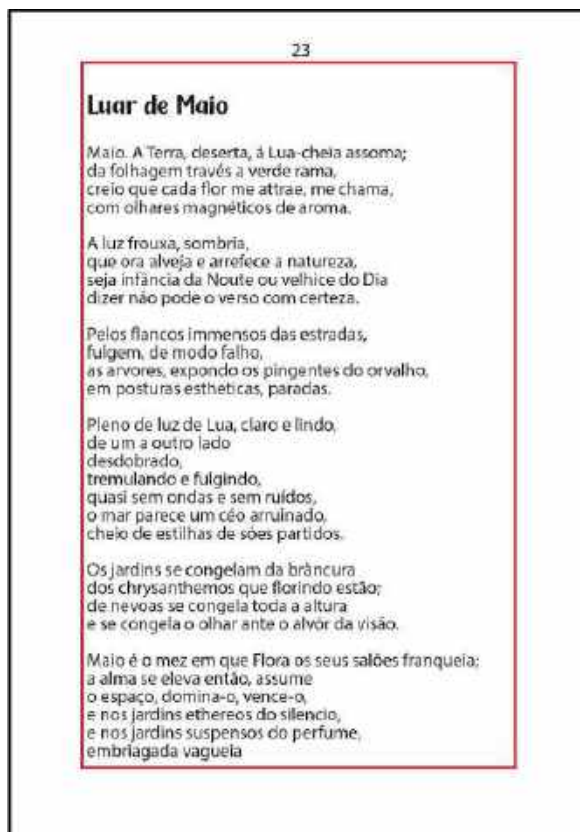
7.2.1.3 Grid

Segundo Ambrose e Harris (2009), o grid é essencialmente uma base que orienta o design a ser construído. Esta estrutura auxilia na organização rápida e eficiente dos múltiplos elementos que compõem uma página, facilitando a interpretação da informação pelo leitor. A importância do grid é inquestionável, pois ele atua como o esqueleto de um projeto, adicionando alinhamentos e estruturas, disponíveis em diversas formas e tamanhos

Além disso, o grid simplifica o trabalho do designer, pois auxilia nos processos de criação e tomada de decisão, tornando mais claro e fácil atingir o objetivo final (Ambrose & Harris, 2009). Ele funciona como uma ferramenta de orientação, permitindo que o designer se concentre na disposição criativa dos elementos, ao invés de se preocupar com a estruturação e alinhamento de cada peça individualmente.

Foi utilizado um grid simples para todo o miolo do livro que continha as poesias, com apenas uma coluna, 2,5cm ao redor da folha e o texto justificado à esquerda.

Figura 15 – Grids de construção



Fonte: Elaboração Própria, 2023

7.2.1.4 Tipografia

A tipografia, de acordo com Lupton (2013), é uma ferramenta essencial na comunicação visual, usada pelos designers gráficos para se adequar a públicos e contextos específicos. A história da tipografia mostra sua evolução desde as primeiras formas modeladas sobre a caligrafia até as imagens manufaturadas e repetíveis de hoje. Um aspecto crítico a considerar na escolha de um tipo é a sua anatomia. Em particular, a altura-x, que corresponde à altura do caractere minúsculo "x", desempenha um papel crucial na determinação do tamanho aparente e do impacto visual de um tipo.

Foram escolhidas duas tipografias para a construção do livro (figura 16), Heyla como tipografia principal nos títulos e na capa; e Myriad Pro como tipografia de apoio para as poesias e demais textos.

Figura 16 – Tipografia



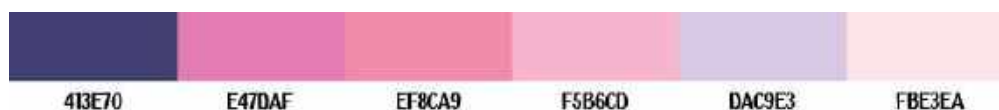
Fonte: Elaboração Própria, 2023

7.2.1.5 Cor

Já a cor é um fenômeno físico que depende de uma fonte de luz para se tornar visível, sendo a visão humana seu sistema receptor (Alvarez, Perazzo & Racy, 1999). A cor pode expressar uma atmosfera, descrever uma realidade ou codificar uma informação, sendo uma ferramenta poderosa nas mãos dos designers, que a utilizam para destacar ou ocultar determinados elementos. No entanto, é importante lembrar que a cor tem diferentes conotações em diferentes culturas (Lupton & Phillips, 2008, p. 71).

As cores são também categorizadas como quentes e frias, com as cores quentes contendo predominância percentual de vermelho e/ou amarelo, enquanto as cores frias contêm predominância percentual de azul e/ou verde (Alvarez, Perazzo & Racy, 1999). Além disso, as cores secundárias resultam da mistura de duas cores primárias em proporções iguais. As cores terciárias, por sua vez, são resultado da mistura de uma cor secundária com uma das cores primárias que a formam.

Figura 17 – Cor



Fonte: Elaboração Própria, 2023

A escolha da paleta de cores se deu ao significado das cores e de como o rosa e o roxo/lilás está atrelado a feminilidade, a mulher. O rosa é usado simbolicamente para representar o mundo feminino, sendo também apresentada como a cor do romantismo e da delicadeza, é usada para se referir ao amor e à inocência, assim como à fantasia. Sendo uma cor quente, em

tonalidades mais escuras como o "pink" pode simbolizar sensualidade e sedução. O roxo é usado simbolicamente para representar o misticismo, o mistério e a espiritualidade, podendo transmitir melancolia se usada em excesso. É a cor da transformação.

As cores roxo e rosa têm sido historicamente associadas à feminilidade e têm sido utilizadas para evocar diferentes concepções e representações do feminino na cultura ocidental. Ao elaborar um livro de poesia, a escolha dessas cores foi intencional para transmitir certos aspectos da feminilidade e enfatizar a presença de vozes femininas na obra. O rosa, desde tenra idade, é frequentemente associado ao universo feminino, sendo comumente utilizado em roupas, brinquedos e produtos destinados a meninas. Já o roxo, embora historicamente tenha sido ligado à realeza e ao misticismo, também foi adotado pelo movimento feminista como uma cor que representa a luta pela igualdade de gênero. Dessa forma, ambas as cores possuem significados culturais que evocam aspectos da feminilidade. Tanto o roxo quanto o rosa são cores que podem evocar sentimentos de delicadeza, sensibilidade e emoção, atributos frequentemente associados ao feminino e à escrita poética. Utilizar essas cores na elaboração de um livro de poesia pode reforçar a ideia de que as poetisas estão compartilhando suas emoções e visões de mundo de forma íntima e profunda. Essas cores podem funcionar como um elemento de identificação e reconhecimento para o público leitor, comunicando que o livro abraça e valoriza as contribuições das mulheres na poesia. Além das associações culturais, a escolha das cores está relacionada à estética do livro e ao design da capa, o roxo e o rosa podem criar uma composição visual atraente e harmoniosa, tornando o livro mais atrativo para os leitores.

Em resumo, a ligação do roxo e do rosa com a feminilidade na elaboração de um livro de poesia é uma maneira de evocar símbolos culturais, transmitir sensibilidade e emoção, representar a presença feminina na obra e criar uma estética atraente.

7.2.1.6 Geração de alternativas

Com base no moodboard, na seleção da paleta de cores, no tamanho do livro e na tipografia, foram ilustradas as poetisas (figura 18) e iniciou-se o desenvolvimento do livro.

As etapas do processo foram realizadas digitalmente por meio dos programas da Adobe: Illustrator, para a criação da capa e contracapa, e InDesign, para o miolo do livro e separação de capítulos.

Figura 18 – Ilustração das poetisas



Fonte: Elaboração Própria, 2023

Cada ilustração das poetisas foi elaborada individualmente no programa Adobe Illustrator em estilo lineart. Em seguida, foi realizada a composição visual final, conforme demonstrado na imagem acima.

Figura 19 – Alternativas de cor



Fonte: Elaboração Própria, 2023

Durante o projeto do livro, as cores rosa e roxo foram cuidadosamente selecionadas, passando por testes, como ilustrado nas imagens acima (figura 19). A escolha da tonalidade da capa foi minuciosamente ponderada para refletir a essência da obra e comunicar a mensagem e atmosfera desejada. A harmonização entre a temática do livro e a psicologia das cores busca criar uma capa impactante e memorável.

Figura 20 – Alternativas de capa

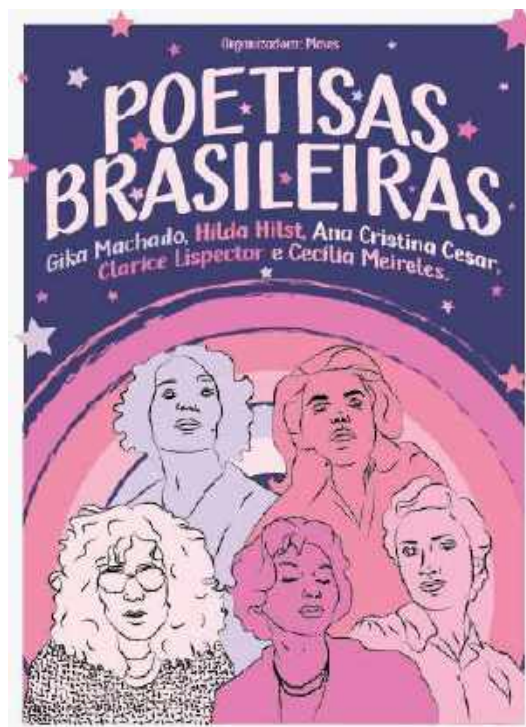


Fonte: Elaboração Própria, 2023

Após a definição das tonalidades de roxo e rosa, o desenvolvimento da capa do livro teve início. Inicialmente, a ilustração colorida das poetisas foi integrada ao formato adequado da capa. Em seguida, círculos nas cores da paleta foram adicionados, juntamente com a adição das estrelas ao fundo, as estrelas desempenharam um papel simbólico, representando as escritoras falecidas de maneira tocante e significativa. Assim como as estrelas brilham no céu mesmo após a morte de uma estrela, a presença duradoura das escritoras falecidas pode ser simbolizada por esses corpos celestes, lembrando aos leitores a sua contribuição literária que permanece viva mesmo após seu falecimento. Essa representação estelar na capa do livro pode evocar uma sensação de imortalidade e inspiração contínua, reconhecendo a importância do legado literário deixado por essas talentosas escritoras, harmonizando o design.

Por fim, o título (originalmente "Poetisas Brasileiras") e o subtítulo do livro, contendo os nomes das escritoras, foram inseridos utilizando a tipografia definida previamente.

Figura 21 – Capa escolhida



Fonte: Elaboração Própria, 2023

Após a conclusão da capa, deu-se início ao desenvolvimento do miolo do livro. Para o título, foi utilizada a tipografia principal "Heyla", enquanto nas poesias e numeração, optou-se pela tipografia de apoio "Myriad Pro". O texto foi justificado à esquerda para garantir melhor legibilidade e leitura. Utilizou-se fonte tamanho 12 para o conteúdo e fonte de título tamanho 14, com um espaçamento de 14.

Figura 22 – *Layout* final do miolo do livro

117

Elegia do tapeceiro egípcio

Bela é a água que corre como a lâ clara nos teares.
E vão passando os peixes, que deixam só diáfano esque-
ma.

Leve é o giro das aves, recortado há cinco mil anos;
e as canas e a brisa inventam músicas
fictícias de aéreos estambres, na alta urdidura do tempo.

Grave é o corpo do jovem reclinado em vítreo silêncio,
pálido Osiris que o Nilo afoga em suas ondas.

Em seus olhos fechados, donos de cores e linhas eternas,
a memória mistura anjos, profetas e deuses.

Oh! entre esses calmos perfis parados nas orelhas,
o rio mostra ao tecelão a sua morte,
larga tapeçaria que apenas a alma contempla:

sob as canas e os pássaros e as lançadeiras dos peixes
rápidos,

sob o dia, sob o mundo, na visão das cenas arcaicas,
e o tecelão vai sendo também tecido.

Como lâ clara nos teares, bela e exata, a água que corre
vai bordando o seu vulto,
vai levando suas pálpebras e seus dedos...

Quem pode separar os fios da vida e os fios da água,
neste desenho novo que está nascendo em lugar invisí-
vel?

(1956)

Fonte: Elaboração Própria, 2023

Após a finalização do miolo do livro, a etapa das separações de capítulo foi cuidadosamente realizada. Utilizando as ilustrações das poetisas individualmente, foram criadas separações únicas para cada capítulo. Essas ilustrações seguiram a paleta de cores pré-estabelecida, garantindo a coerência visual em toda a obra.

Além disso, a disposição das ilustrações nas separações de capítulo foi planejada de forma a capturar a essência e o tema de cada seção, enriquecendo a experiência de leitura e proporcionando uma identidade visual única para o livro. A junção entre a arte ilustrativa, as tonalidades de roxo e rosa, e a tipografia selecionada resultou em uma obra harmoniosa e cativante, reforçando a relevância da literatura poética e das autoras presentes na obra.

Figura 23 – Separação dos capítulos



Fonte: Elaboração Própria, 2023

7.3 Fase Executiva

A última etapa de Archer consiste na comunicação, que ocorreu junto a finalização do livro. Durante a Qualificação, a banca ofereceu dicas valiosas para aprimorar o projeto, incluindo a sugestão de adicionar um prefácio, modificar a fonte do fôlio, que anteriormente era de outra tipografia, e justificar à esquerda as poesias que estavam centralizadas. Além disso, o colofão foi adicionado para fornecer informações importantes sobre a obra.

No desenvolvimento da capa, foram realizadas edições e ajustes para atender às expectativas. O título do livro foi curvado para conferir um toque mais estilizado, e o termo "poetisas" foi atualizado para "poetas", buscando maior inclusividade. Para representar simbolicamente as escritoras falecidas, foram adicionadas ilustrações de estrelas no background da capa e contracapa.. Com essas melhorias e refinamentos, o projeto do livro foi

concluído com êxito, destacando-se pela atenção aos detalhes e pelo significado simbólico transmitido pela capa.

Figura 24 – Capa e contracapa



Fonte: Elaboração Própria, 2023

8 MOCKUPS E PROTÓTIPO IMPRESSO

A seguir seguem os *mockups* finais do livro “Poetas Brasileiras” e imagens do protótipo impresso.

Figura 25 – Mockup 1 do livro



Figura 26 – Mockup 2 do livro



Figura 27 – Mockup 3 do livro



Figura 28 – Mockup 4 do livro



Figura 33 – Mockup 9 do livro

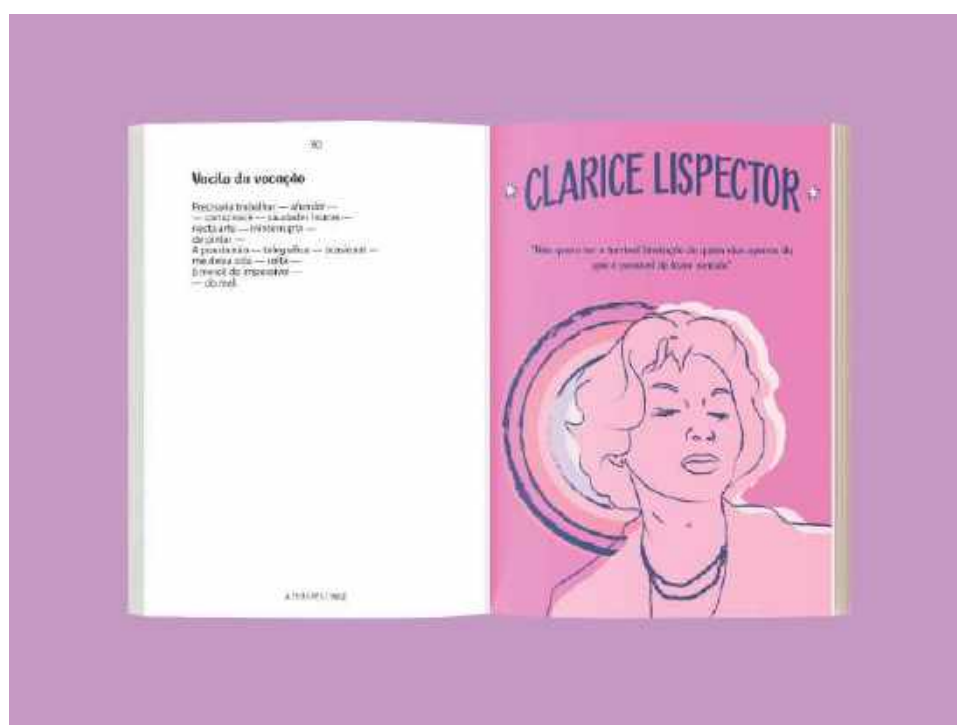


Figura 34 – Mockup 10 do livro

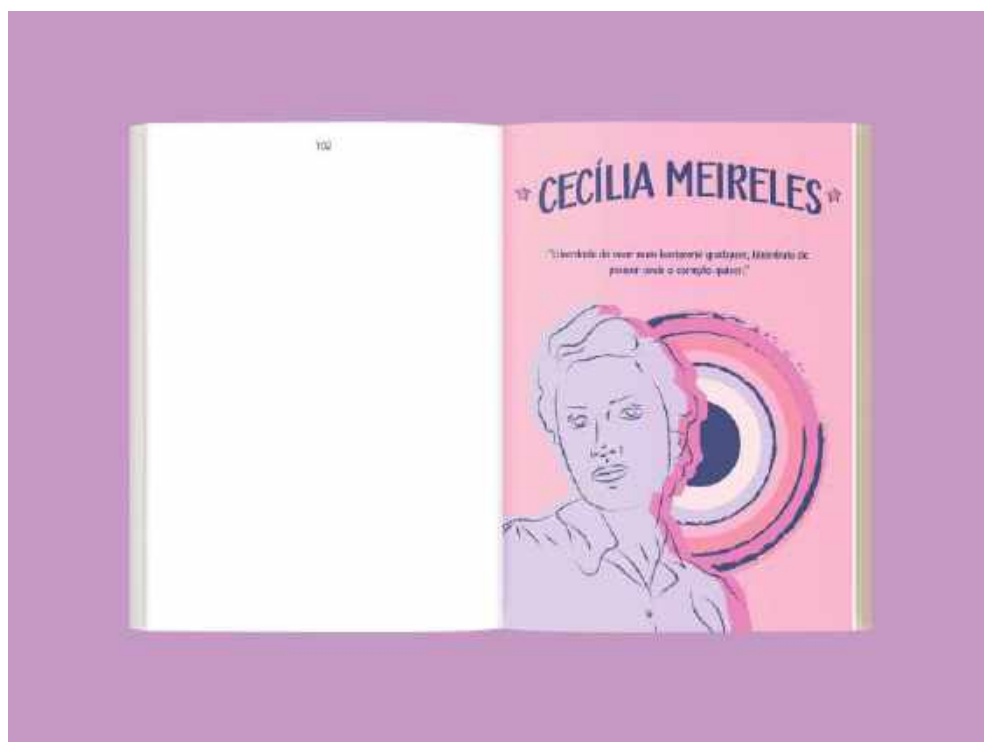


Figura 35 – Protótipo impresso 1



Figura 36 – Protótipo impresso 2



Figura 37 – Protótipo impresso 3



Figura 38 – Protótipo impresso 4

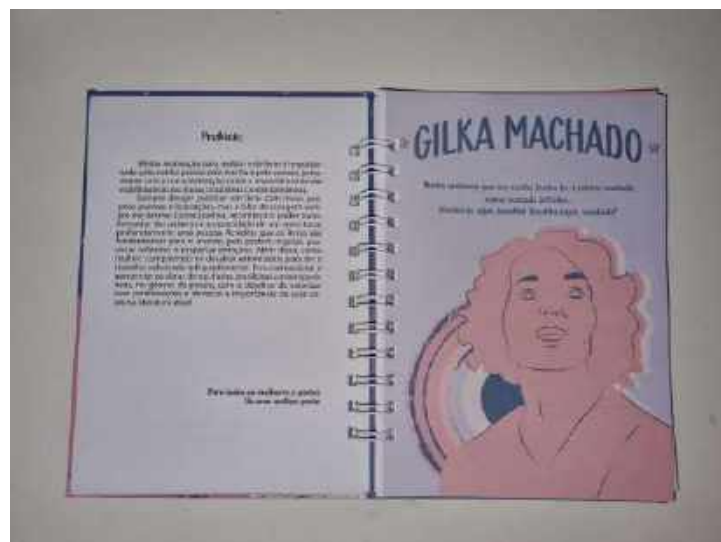


Figura 39 – Protótipo impresso 5



Figura 40 – Protótipo impresso 6

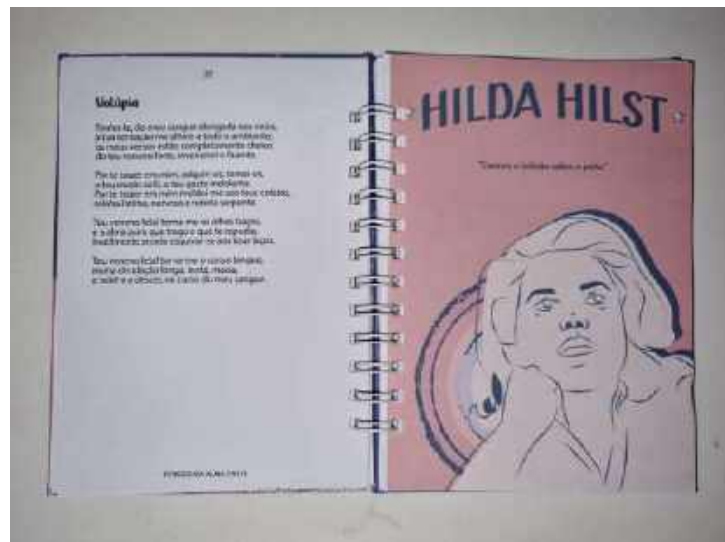


Figura 41 – Protótipo impresso 7



9 CONCLUSÃO

Este estudo, intitulado "Livro: Poetas Brasileiras", apresentou uma abordagem integrada da literatura e do design editorial para criar uma compilação de poesias de cinco renomadas poetisas brasileiras. As vozes literárias de Cecília Meireles, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar e Gilka Machado, muitas vezes subestimadas e marginalizadas, foram reunidas nesta obra, não apenas para enaltecer suas contribuições para a literatura brasileira, mas também para servir como inspiração para futuras gerações de poetisas.

Ao longo do estudo, foi possível constatar que o resgate dessas vozes femininas na literatura é um trabalho tanto necessário quanto enriquecedor. A poesia dessas mulheres trouxe uma profundidade e sensibilidade únicas para a literatura brasileira, e este livro é uma oportunidade para trazer à luz esses talentos muitas vezes esquecidos.

A metodologia de pesquisa bibliográfica extensa empregada permitiu um aprofundamento significativo no trabalho dessas poetisas, enquanto a análise crítica assegurou a seleção adequada de suas poesias. Dessa forma, o livro se torna uma homenagem respeitosa e precisa às vozes femininas da literatura brasileira.

O processo de seleção de obras foi um aspecto fundamental deste trabalho, com foco em capturar e expressar a essência e o legado dessas extraordinárias poetisas brasileiras. O resultado é uma compilação que, além de respeitar as individualidades de cada poetisa, consegue manter a coesão do livro como um todo.

No que se refere ao design editorial, este estudo evidenciou a importância da estética na valorização da poesia. A aplicação criativa dos conceitos de design não apenas enriquece a apresentação do conteúdo, mas também amplia a experiência de leitura, proporcionando um diálogo mais profundo com a obra.

É importante destacar que este livro vai além de uma mera compilação de poesias. Ele busca ser um espaço de reflexão sobre a importância do papel da mulher na literatura e na sociedade, abrindo discussões importantes sobre questões de gênero no campo literário.

As limitações deste estudo residem principalmente na seleção de apenas cinco poetisas brasileiras. Reconhecemos que há uma variedade incontável de vozes femininas talentosas na literatura brasileira que merecem ser destacadas e estudadas.

No futuro, sugere-se a continuação deste trabalho, com a expansão do foco para incluir outras poetisas brasileiras, bem como escritoras de outros gêneros literários. Isso ampliaria ainda mais o alcance e a relevância deste projeto.

Em retrospecto, este trabalho foi uma jornada de descobertas, não apenas sobre as vidas e obras das poetisas selecionadas, mas também sobre a riqueza e diversidade da literatura brasileira. A experiência enriqueceu o nosso entendimento sobre a importância do papel da mulher na literatura e ampliou a nossa apreciação pela arte da poesia.

Em conclusão, "Livro: Poetas Brasileiras" é uma homenagem sincera à arte e ao legado das poetisas brasileiras selecionadas. Ao mesmo tempo, espera-se que sirva como inspiração e incentivo para futuras gerações de poetisas, reforçando o valor e a importância das vozes femininas na literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- AGFA. **Processo de Impressão**. 2017. Paul Adriaensen. Disponível em: <https://www.agfagraphics.com/global/pt_br/search.html?q_search=impressão#/p_segment/p_productFamily/p_region/q_page/0>. Acesso em: 5 abr. 2023.
- ALVAREZ, Denise. PERAZZO, Luiz Fernando. RACY, Ana Beatriz Fares. **Elementos da cor**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.
- AMBROSE, G. HARRIS, P. **Fundamentos de Design Criativo**, Uma introdução abrangente à tipografia, ao layout, à imagem, ao uso das cores e a outros princípios do design criativo, apresentados por meio de explicações detalhadas e ilustrados com exemplos do design contemporâneo. São Paulo: ARTME Editora S.A, 2003.
- ANDERSON, Poder. **VIDA Count 2017: Como as mulheres são representadas nas principais publicações literárias dos EUA?**. Publishing Perspective, 2018. Disponível em: <<https://publishingperspectives.com/2018/06/vida-count-2017-us-literary-publications-women-representation/>>. Acesso em 07 de dez. de 2022.
- ANDRADE, Camila. **Poesia de Ana Cristina César: Diálogos e Transgressões**. Editora Annablume, 2016.
- ARAÚJO, Emanuel. **A Construção do Livro: princípios da técnica de editoração**. São Paulo: Lexikon/Editora UNESP, 2008.
- ARAÚJO, A. **A construção do livro**, princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital LTDA, 2014.
- ARAÚJO, Isabel Chaves; GUEDES, Mariana; ESTADUAL, Universidade. **A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books**. 2008. 6 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, São Luís, 2008. Disponível em:<[file:///C:/Users/usuario1/Desktop/TCC/USEI NO TCC/2008 evolução dos ebooks.pdf](file:///C:/Users/usuario1/Desktop/TCC/USEI%20NO%20TCC/2008%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20dos%20ebooks.pdf)>. Acesso em: 28 de mar. 2023.
- AULAGNIER-SPAINARI, Piera. Observações sobre a feminidade e suas transformações. In: CLAVREUL, Jean et al. **O Desejo e A Perversão**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1990. p. 76.
- A voz da poesia**: falando ao coração/ Biografia de Gilka Machado. Disponível em: [http://www.avozdapoesia.com.br/poetas_biografia.php?poeta_id=223&poeta=Gilka %20Machado&tipo=biografia](http://www.avozdapoesia.com.br/poetas_biografia.php?poeta_id=223&poeta=Gilka%20Machado&tipo=biografia). Acesso em: 15 mai. 2023.
- BANN, David. **Novo manual de produção gráfica**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

BUENO, Alexei. **Uma história da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2007.
CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500- 1960)*. São Paulo: EDUSP, 2004. v.II.

CALDEIRA, Jorge. **Cecília Meireles - Biografia Ilustrada**. Editora Global, 2018.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

CÉSAR, Ana Cristina. **A Teus Pés**. Editora Companhia das Letras, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. (org.) **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras**. São Paulo, Escrituras, 2002.

COSTA, Fábio. **A Escrita Marginal de Hilda Hilst**. Editora Appris, 2018.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

DESIGN Thinking: o que é, como aplicar e passo a passo. **Tecnoblog**, 2018. Disponível em: <<https://fia.com.br/blog/designthinking/#:~:text=Design%20thinking%20%C3%A9%20uma%20metodologia,e%20da%20est%C3%A9tica%20de%20produtos.>>. Acesso em: 7 dez. 2022.

DIANA, Daniela. O quê é poesia?; **Toda Matéria**. Disponível em: <O que é Poesia? - Toda Matéria (todamateria.com.br)>. Acesso em: 30 de nov. de 2022.

DUARTE, Constância Lima. **A literatura de autoria feminina no modernismo dos anos 30**. In: ZOLIN, Lúcia Osana. GOMES, Carlos Magno. *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011.

ELY, Isabelly. **Muito Talento, Pouco Prestígio: Preconceito na Publicação de Livros Escritos por Mulheres**. Nó de oito, 2020. Disponível em: <<http://nodeoito.com/preconceito-livros-mulheres/>>._ Acesso em: 7 dez. 2022.

ESPINHA, Roberto Gil. **Metodologia de Projeto: saiba quais são e como escolher a melhor; Artia**. Disponível em: <<https://artia.com/blog/tudo-sobre-metodologia-de-projetos/>>. Acesso em: 5 dez. 2022.

EXPOPRINT. **Impressão Offset**. 2014. Sandra Keese. Disponível em: <<http://www.expoprint.com.br/pt/impressao-offset>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FAWCETT-TANG, R. Roberts, C. **O livro e o designer I**, Embalagem, Navegação, Estrutura e Especificação. São Paulo: Rosari Ltda, 2007.

FOTIS, T. (2014). **The Moodboard Handbook: Your Ultimate Tool for Design Inspiration**. Chronicle Books.

FOUCAULT, Michel. **Outros Espaços**. Architecture, Mouvement, continuité, n.5, out. 1984, p.46-9.

FUENTES, Rodolfo. **A Prática do design gráfico: uma metodologia criativa**. São Paulo: Rosari, 2006. 143 p. Tradução de Osvaldo Antonio Rosiano.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Materialidade, meios de comunicação, culturas e agentes humanos**. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 23, 2014, Belém. Anais...Belém: UFPA, 2014.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design gráfico: do invisível ao ilegível**. São Paulo: Rosari, 2008.

HENDEL, R. **O design do livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

HILST, Hilda. **Fluxo-Floema**. Editora Perspectiva, 2018.

LACERDA, A. P. DE. **Pioneiros Dos Métodos De Projeto (1962-1973): Redes Na Gênese Da Metodologia Do Design** Redes Na Gênese Da Metodologia Do Design. [s.l.] UFRGS Universidade Federal do rio Grande do Sul, 2012.

Lispector, Clarice. **Laços de Família**. Editora Rocco, 2017

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MACHADO, Gilka. **Poesias completas**. Nova edição. Rio de Janeiro: Léo Christiano/FUNARJ, 1991.

MACHADO, Gika. **Solo para Vialejo**. Editora Patuá, 2018.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. Editora Nova Aguilar, 2001

MEMBROS. **Academia brasileira**, 2022?. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/membros?title=&field_cadeira_value=&field_cadeira_posicao_value=atual>. Acesso em: 9 de dez. 2022.

MENEZES, Fagundes de. **Silêncio e solidão – dois fatores positivos na vida da poetisa**. Revista Manchete, Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1953.

MILLMAN, D. **Fundamentos essenciais do design gráfico**. São Paulo: Edições Rosati Ltda, 2008.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. Vol. 4. Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 255-258.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: simbolismo**. São Paulo: Cultrix, v. 2. 2001.

MOSER, Benjamin. **Clarice**, uma biografia. 1º edição. Brasil: Cosac Naify, 16 nov. 2009.

MULHERES ESCRITORAS: A trajetória de grandes autoras na literatura. **Universo dos livros**, 2019. Disponível em: <Mulheres escritoras: A trajetória de grandes autoras na literatura – Universo dos Livros>. Acesso em: 28 nov. 2022.

NUNES, Ângela. **Outros Cantos: Poesia contemporânea brasileira por mulheres**. Editora Quêlônio, 2019.

PRADO, Adélia. **Clarice Lispector: Escrituras da paixão**. Editora Unicamp, 2017.

Sae digital. Disponível em: <A história das mulheres na luta pelo acesso à educação - SAE Digital>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SILVA, Débora. Poesia brasileira. **Estudo Kids**, 2014. Disponível em: <Poesia brasileira – Autores, estilo e principais obras (estudokids.com.br)>. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

SOARES, Angélica. A Paixão Emancipatória: vozes femininas de liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

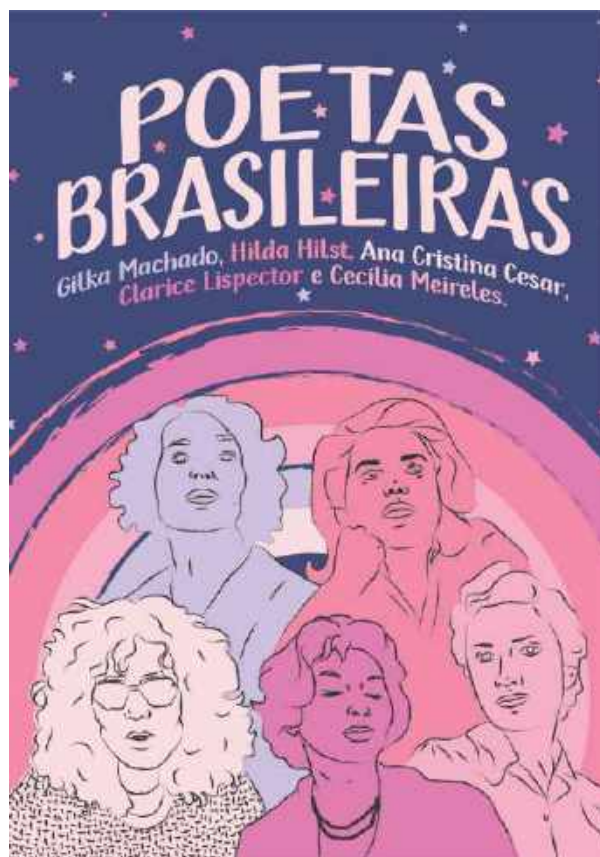
SOUZA, Diego Silva de; LIMA, Vanessa Ribeiro. **As partes de um livro**. 2007. 7 f. Dissertação - Curso de Biblioteconomia, 2007. Cap. 1. Disponível em: <<https://antoniokleber.files.wordpress.com/2013/03/53619471-partes-de-um-livro.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

SOUZA, Warley. Cecília Meireles; **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/cecilia-meireles.htm>>. Acesso em 01 de dez. de 2022.

SOUZA, Warley. Clarice Lispector; **Brasil Escola**. Disponível em: <Clarice Lispector: biografia, obras, frases - Brasil Escola (uol.com.br)>. Acesso em 01 de dez. de 2022.

VILLAS-BOAS, André. O que é (e o que nunca foi) design gráfico. Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2007.

Apêndice – livro (Poetas brasileiras; Gilka Machado, Hilda Hilst, Ana Cristina Cesar, Clarice Lispector e Cecília Meireles)



SUMÁRIO

Gilka Machado

- A uma lavadeira **11**
- Analogia **13**
- Ânsia múltipla **14**
- Esboço **15**
- Felina **16**
- Gommigo mesma **17**
- Há lá por fora **20**
- Lembranças **22**
- Luar de Maio **23**
- O retrato fiel **25**
- Olhos nuns olhos **26**
- Pelo Hiverno **27**
- PERFUME **30**
- Reflexão **31**
- Saudade **32**
- SENSUAL **33**
- Ser Mulher ... **34**
- TROVERSANDO **35**
- VELHICE **36**
- Volúpia **37**

Hilda Hilst

- Alcoolicas I **39**
 Alcoolicas II **40**
 Alcoolicas III **41**
 Amavisse I **42**
 Amavisse II **43**
 Árias Pequenas. Para Bandolim XI **44**
 Cantares de perda e predileção I **45**
 Cantares de perda e predileção II **46**
 Cantares de perda e predileção III **47**
 Do desejo I **48**
 Do desejo II **49**
 Do desejo III **50**
 Poema aos homens do nosso tempo XIV **51**
 Poema aos homens do nosso tempo XIII **52**
 Poema aos homens do nosso tempo XVI **53**
 Porque há desejo em mim **54**
 Tenta-me denovo **55**
 Testamento lírico **56**
 Trovas de muito amor para um amado senhor I **57**
 Trovas de muito amor para um amado senhor XIII **58**

Ana Cristina Cesar

- Casablanca **61**
 Conversa de senhoras **62**
 Duas antigas I **63**
 Duas antigas II **64**
 Enciclopédia **65**
 Este livro **66**
 Final de uma ode **67**
 Instruções de bordo **68**
 inverno europeu **69**
 Marfim **70**
 Mocidade independente **71**
 Nada, esta espuma **72**
 Noite carioca **73**
 Que desliza **74**
 Sete chaves **75**
 Sumário **76**
 Último adeus I **77**
 Último adeus II **78**
 Último adeus III **79**
 Vacilo da vocação **80**

Clarice Lispector

- A lucidez perigosa **82**
- A perfeição **83**
- Alma luz **84**
- Amor à terra **85**
- Dá-me a tua mão **86**
- Estrela perigosa **87**
- Eu **88**
- Mão **89**
- Mas há a vida **90**
- Meu Deus, me dê coragem **91**
- Minha alma tem o peso da luz **92**
- Não entendo **93**
- Não te amo mais **94**
- Nossa truculência **95**
- O nascimento do prazer **96**
- Passional **97**
- Quero escrever o borrão vermelho de sangue **98**
- Solidão **99**
- Sonhe **100**
- Sou... **101**

Cecília Meireles

- A vitorino nemésio **104**
- Arlequim **105**
- Arqueologia **106**
- As glórias do vento **108**
- Campo na índia **109**
- Canção de um caminho da espanha **111**
- Canção do deserto **112**
- Cidade colonial **113**
- Coliseu **115**
- Elegia do tapeceiro egípcio **117**
- Esboço holandês **118**
- Exercício **119**
- Família **120**
- Fontana de trevi **121**
- Humildade **122**
- Mapa falso **123**
- Máquina breve **124**
- Pompeia **125**
- Urnas e brisas **126**
- Voto **127**

Prefácio

Minha motivação para realizar este livro é impulsionada pela minha paixão pela escrita e pela poesia, juntamente com a conscientização sobre a importância de dar visibilidade às escritoras brasileiras contemporâneas.

Sempre desejei publicar um livro com meus próprios poemas e ilustrações, mas a falta de coragem sempre me deteve. Como poetisa, reconheço o poder transformador das palavras e a capacidade de um texto tocar profundamente uma pessoa. Acredito que os livros são fundamentais para o mundo, pois podem inspirar, provocar reflexões e despertar emoções. Além disso, como mulher, compreendo os desafios enfrentados para ter o trabalho valorizado adequadamente. Procurei explorar e apresentar as obras de escritoras brasileiras contemporâneas, no gênero da poesia, com o objetivo de valorizar suas contribuições e destacar a importância de suas vozes na literatura atual.

**Para todas as mulheres e poetas
De uma mulher poeta**

★ GILKA MACHADO ★

*"Nesta ausência que me excita, tenho-te, ô minha vontade,
numa vontade infinita...
Distância, sejas bendita! Bendita sejas, saudade!"*



11

A uma lavadeira

Minha vizinha lavadeira,
mal nasce o sol, põe-se a cantar,
canta a manhã, a tarde inteira,
mas me parece uma renadeira
uivosos sons desfiando no ar.

De suas mãos o alvor é tanto
que, às vezes tenho a convicção
de que, talvez por um encanto
alvo se torne tudo quanto
os dedos seus tocando vão.

Quando ela vai ao coradouro
finas cambralias estender,
olhos azuis, cabelo louro,
tudo em seu corpo canta em coro
pela alegria de viver.

Se a lua sobre os silenciados
campos do luar abre os lençóis,
não mais, então, lhe ouço os trinado,
mas cuida ver, por sobre os prados,
dormir, sonhar a sua voz.

Debalde o espírito perscruta
de onde lhe vem esse poder
de sem possuir força bruta,
assim tornar clara, impoluta
roupa que às mãos lhe venha ter.

12

Não poderei, por mais que queira,
dado me fosse e dos desvãos
da minha dor tirara inteira
esta alma, ó linda lavadeira,
para o crisol de tuas mãos.

Ao teu labor, que assim perdura,
tenha este anseio singular:
pudesses tu, leda criatura,
lavar minha alma da amargura
e pô-la ao sol para secar.

13

Analogia

"Sempre que o frio chega o meu pesar sorri,
pois te adoro no Inverno e adoro o Inverno em ti..."

Amo o Inverno assim triste, assim sombrio,
lembrando alguém que já não sabe amar;
e sempre, quando o sinto e quando o espio,
julgo-te eterizado, esparso no ar.

Afolta, a alma do Inverno desafio,
para inda te querer e te pensar...
para gozá-lo e gozar-te, que arrepiol...
que semelhança em ambos singular!...

Loucura pertinaz do meu anelo:
— emprestar-te, emprestar-lhe uma emoção,
— pelo mal de perder-te querer tê-lo...

Amor! Inverno! Minha aspiração!
quem me dera resfriar-me no teu gelo!
quem me dera aquecer-te em meu Verão!...

MULHER NUA (1922)

14

Ánsia múltipla

Beija-me Amor,
beija-me sempre e mais e muito mais,
— em minha boca esperam outras bocas
os beijos deliciosos que me dás!

Beija-me ainda,
ainda mais!
Em mim sempre acharás
à tua vinda
ternuras virginais.

Beija-me mais, põe o mais cáldo calor
nos beijos que me deres,
pois viva em mim a alma de todas as mulheres
que morreram sem amor!...

MULHER NUA (1922)

15

Esboço

Teus lábios inquietos
 pelo meu corpo
 acendiam astros...
 e no corpo da mata
 os pirlâmpos
 de quando em quando,
 insinuavam
 fosforescentes carícias...
 e o corpo do silêncio estremecia,
 chocalhava,
 com os guizos
 do cri-
 -cri osculante
 dos grilos que imitavam
 a música de tua boca...
 e no corpo da noite
 as estrelas cantavam
 com a voz trêmula e rútila
 de teus beijos...

MEU GLORIOSO PECADO (1938)

16

Felina

Minha animada boa de veludo,
 minha serpente de frouxel, estranha,
 com que interesse as volições te estudo!
 Com que amor minha vista te acompanha!
 Tens muito de mulher, nesse teu mundo,
 lírico ideal que a vida te emaranha,
 pois meu ser interior vejo desnudo
 se te investigo a mansuetude e a sanha
 Expões, a um tempo langoroso e arisca,
 sutilezas à mão que te acarinha,
 garras à mão que a te magoar se arrisca
 Guardas, ó tato corporificado!
 A alta ternura e a cólera daninha do
 meu amor que exige ser amado!

MULHER NUA (1922)

Comigo mesma

Numa nuvem de renda,
Musa, tal como a Salomé da lenda,
na forma nua
que se ostenta e estua,
— sacerdotiza audaz —
para o Amor de que és preza,
rasgando véos de sonho, rdançarás
nesse templo pagão da Natureza!

Dançarás por amor das cousas e dos seres,
e por amor do Amor
tua dança dirá renúncias e queres;
faze com que desfira
tua lyra
gargalhadas de gôso e lamentos de dôr,
e possas em teu rythmo recompor
tudo que viste extática, surpresa,
e a imprevista beleza,
a beleza incorporea
dos perfumes e sons indefinidos
de tudo que te andou pelos sentidos,
de tudo que conservas na memória.

Dize da Natureza em que à luz viêste,⁶
dize dos seus painéis encantadores,
dize da pompa/ do esplendor celeste
das suas noutes; dos seus dias,
e animisa com teus espasmos e agonias
as expressões com que a expressando fores.
Alma de ppmba, - corpo de serpente,
enche de adejos
e rastejos
teu ambiente,
calam em torno a ti pedras ou flores

de uma contemplativa multidão:
de lisonjeiros e de malfetores
cheias as sendas da existência estão.
Toda de risos tua bocca enfeita
quando te surja um ser sincero, irmão;
e sejas sempre pura, espelhante, perfeita,
na verdade da tua imperfeição.

Musa satânica e divina
ó minha Musa sobrenatural,
em cujas emoções, igualmente, culmina:
à* «ducção do Bem, a tentação do Mal!
em teus meneios languidos' ou lestos
expõe ao Mundo que te espia
que assim como ha na Dança a poesia dos gestos,
ha nos versos a dança da Poesia.

Dança para esse gôso,
o grande gôso maternal
da Terra,
que te fez sem igual,
e, envaidecida,
em seu amor te encerra,
amando em ti a sua própria vida,
sua vida carnal
e espiritual.

Torce e destorce o ser flexuoso
e estoso
ó Musa emocional!
manéja os versos
de maneira t'fal
que elles se fiquem pelos séculos dispersos,
com os rythmos da existência universal.

E a dançar,
a dançar,

19

num delicioso sacrifício,
 patenteia a nudez desse teu ser puniceo
 ante o sereno altar
 do deus que te domina.
 Que importa a injúria hostil de quem te não com-
 prehende?
 dança, porém, não como a Salomé da lenda,
 a lyrica assassina:
 dança de um modo vivificador;
 dança de todo nua,
 mas que seja a nudez sensual da dança tua
 a immortalização do teu glorioso Amor!

MULHER NUA (1922)

20

Há lá por fora

um luar
 que é um divino pecado...
 se vieses, meu amado,
 se surgisses agora
 ao meu olhar,
 se me apertasses, trêmula de susto,
 ao teu formoso busto...
 Paíra lá fora o luar
 a tentar a paisagem,
 as almas a tentar;
 se vieses, meu selvagem,
 com teu querer imperativo e rudo,
 com teus modos brutais,
 a esta lua macia,
 eu tudo
 te daria
 e mais
 e muito mais!..

Que seria de mim,
 deste meu pobre amor, ai que seria,
 se houvesse, noite a noite, um luar assim?
 Repara o encantamento
 da dor a que te exponho e a que me imponho,
 neste mútuo querer de intermimo adiamento.
 Gozemos ambos o prazer tristonho,
 a ventura dolorida
 de prolongar o sonho, que há no sonho
 A realidade mais feliz da vida.

A lua desce numa poeira fina,
 que os seres todos alucina,
 que não sei bem se é cocaína
 ou luar...
 Fosse eu agora para a rua,

21

assim, tonta de lua...
 Não é noite, nem dia,
 observo, com surpresa,
 uma triste alegria.
 Em toda a natureza
 medita bem que paradoxo no ar,
 que dolorosa orgia
 em que a alma peca com vontade de chorar!
 em que há quanto prazer, em que há tortura quanta,
 em que a alegria chora, em que a tristeza canta,
 em que, sem te possuir, sou toda tua...
 O meu amor por ti é uma noite de lua,
 misto de ódio e paixão com que repilo e quero
 todo teu ser do modo mais sincero,
 fingindo-te e sonhando, a cada instante,
 palpitante
 de gozo
 meu corpo amado e amante
 ao teu abraço cálido e nervoso.
 (...)

MEU GLORIOSO PECADO (1928)

22

Lembranças

Teus retratos
 — figuras esmaecidas;
 mostram pouco, muito pouco do que foste.
 Tuas cartas
 — palavras em desgaste,
 dizem menos, muito menos
 do que outrora me diziam
 teus silêncios afagantes...
 Só o espelho da minha memória
 conserva nitida, imutável
 a projecção de tua formosura,
 só nos folhos dos meus sentidos
 pairam vívidas
 em relevo
 as frases que teu carinho
 soube nelas imprimir.
 Sou a uma funerária de tua beleza
 que a saudade
 embalsamou.
 Quando chegar o meu instante derradeiro
 só então, mais do que eu,
 tu morrerás
 em mim.

VELHA POESIA (1966)

Luar de Maio

Maio. A Terra, deserta, à Lua-cheia assoma;
da folhagem través a verde rama,
crelo que cada flor me attrae, me chama,
com olhares magnéticos de aroma.

A luz frouxa, sombria,
que ora alveja e arrefece a natureza,
seja infância da Noute ou velhice do Dia
dizer não pode o verso com certeza.

Pelos flancos imensos das estradas,
fulgem, de modo falho,
as arvores, expondo os pingentes do orvalho,
em posturas estheticas, paradas.

Pleno de luz de Lua, claro e lindo,
de um a outro lado
desdobrado,
tremulando e fulgindo,
quasi sem ondas e sem ruídos,
o mar parece um céu arruinado,
cheio de estilhas de sóes partidos.

Os jardins se congelam da brâncura
dos chrysanthemos que florindo estão;
de nevoas se congela toda a altura
e se congela o olhar ante o alvôr da visão.

Maio é o mez em que Flora os seus salões franqueia;
a alma se eleva então, assume
o espaço, domina-o, vence-o,
e nos jardins ethereos do silencio,
e nos jardins suspensos do perfume,
embrágada vagueia

à luz da Lua-cheia.

Paíram maciezas no ar e maciezas no chão;
pelas .horas geladas e serenas
desta noute me vem a perfeita impressão
de que uma ave, lá do alto, está mudando as pennas,
Maio bizarras foi ações erranca . /
da Terra; em maio cuida contemplar
em cada chrysanthemo a pluma crespa e branca
da aza luzente do luar

Maio em meu sonho fprtemente actua;
maio os jardins reveste
de llvres de Lua;
e no corpo celeste
em maio sempre temos
a visão de um jardim cheio de chrysanthemos.

Observa, espia:
que noute fiôrea e fria!
ha neve nos jardins — numa imagem precisa -
a terra em cada flor a neve concretisa
e; em cada tibio raio,
um chrysanthemo esfia
o luar de maio.

Flores e nevoas, nevoas e flores;
a noute é um mixto de brancuras e de odôrés.

O hinverno dorme sobre os canteiros
dos jardins, e; aos effluvios dormideiros
da noute, as flores, em sonho brando,
pelos ermos do luar, vagam, somnambulando.
Unem-se o sóe e o céu num fioreo abraço;
o aroma sobe, e, em rumo interminio, erra;
maio! — os jardins se alaram para o espaço
e estão florindo nevoas sobre a terra.

25

O retrato fiel

Não creias nos meus retratos,
nenhum deles me revela,
ai, não me julgues assim!

Minha cara verdadeira
fugiu às penas do corpo,
ficou isenta da vida,

Toda minha faceirice
e minha vaidade toda
estão na sonora face;

naquela que não foi vista
e que paira, levitando,
em meio a um mundo de cegos.

Os meus retratos são vários;
e neles não terás nunca
o meu rosto de poesia.

Não olhes os meus retratos,
nem me suponhas em mim.

VELHA POESIA (1966)

26

Olhos nuns olhos

De onde vêm, aonde vão teus olhos; creança,
tão cansados assim de caminhar?
dessa tua existência nova e mansa
como pôde provir um tal pezar?

A alma de phantazia não se cançal;
nunca existiu tristeza nesse olhar;
é que a minha mortal desesperança
te olha e nos olhos teus vae se espelhar

Com toda a vista em tua vista preza,
penso: uma dôr tão dolorosa assim
só ha na minha interna profundeza.

Não me olhes mais, formoso cherubim!
que vejo nos teus olhos a tristeza
dos meus olhos olhando para mim

MULHER NUA (1922)

Pelo Inverno

Lá fora, o mar é um largo e líquido arrepiço;
as árvores, em somno, embrulham-se nos ramos;
as estrelas estão tiritando de frio.

Almas, não sei porque no inverno tanto amamos!...

São pellos bastos, são veiludos quentes
os teus carinhos, nestas hibernaes
noutes longas e humentes.
alheia ao frio que nos mais
actúa,
eu me deixo ficar, immovel, nos ambientes,
toda enrolada na lembrança tua!

Na ausência, na tristeza
que me invade,
os teus carinhos, meu Amor,
têm mais sabor,
e mais macieza,
e mais espiritualidade.
Por minha scisma silenciosa e queda,
teus dedos humidos e esguios,
como lagartas, da mais fina seda,
flam finos, fluidos fios..

Vezez algumas,
sinto, meu bello ausente, os teus abraços,
como boas de plumas,
contomarem-me o busto atando-me em seus laços.
Teu carinho é animado,
sem que estejas ao meu lado,
elle vive e palpita em minha calma;
concluo sempre, por senti-lo assim:
o teu carinho é o pollen da tua alma

que fica a germinar dentro de mim.

O teu carinho de tal forma cresce,
e os sentidos me assume,
que, em momentos, uma árvore parece:
hauro-lhe o floreo e languido perfume;
gusto-lhe os fructos de rubente messe;
sinto roçarem-me suas franças,
em distensões longas e mansas.
e fecho os olhos para vel-o, muito lindo,
interiormente olhando-me e subindo,
e escuto nelle, qual num folhedo,
o teu beijo vibrar canções de passaredo.

Teu carinho — estas mãos breves e esguias
que adormecem as minhas agonias.
Teu carinho — a doçura
do paladar da minha Desventura.
Teu carinho — um aroma intimo e brando,
em meu olfacto se esticando
e enrodilhando,
serpentinamentê,
e a melodia
macia
é quente
que eu ouço, quando tudo silencia,
e os gestos que ficaram palpitando
nos meus gestos retidos,
e o olhar que eu olho, dos meus olhos dentro.
Teu carinho — os sentidos
do silencio em que toda me concentro.

Por estas hibernaes
noutes de pellos fluidos,
estranham meus descuides
e andam de frio tiritando ós mais;
é que a recordação

29

dos teus carinhos
 cobre-me o corpo de uma profusão
 de plumas e de arminhos.

Lã fora, o vento, trémulo de frio,
 procura se envolver das frondes nós recamos;
 ha no próprio silencio um gélido arrepio.

Foi numa noute assim que nos amamos.

MULHER NUA (1922)

30

Perfume

À Alberto de Oliveira

Vaga revelação das sensações secretas,
 das mudas sensações dos mudos vegetaes;
 arco abstracto que afina as emoções dos poetas
 e que ao violino da alma arranca sons iriaes.

Ô perfume que a dôr das plantas interpretas
 e encerras, muita vez, desesperos mortaes!
 busco sempre sentir-te errar, nas noutes quietas,
 quando teu floreo corpo em somno immerso jaz.

És um espiritual desprendimento ao luar,
 si à noute sonha a flor do calice no leite,
 e és a transpiração da planta à luz solar.

Mas, si acaso, te estraha o homem – sêr destruidor,
 perfumel – descomposto, inane, liquefeito,
 és a essencia, és a vida, és o sangue da flôr.

CRISTAIS PARTIDOS (1915)

Reflexão

Há certas almas
como as borboletas,
cuja fragilidade de asas
não resiste ao mais leve contato,
que deixam ficar pedaços
pelos dedos que as tocam.

Em seu vôo de ideal,
deslumbram olhos,
atraem as vistas:
perseguem
-nas,
alcançam
-nas,
detem
-nãs,
mas, quase sempre,
por saciedade
ou piedade,
libertam
-nas outra vez.

Ela, porém, não voam como dantes,
ficam vazias de si mesmas,
cheias de desalento...

Almas e borboletas,
não fosse a tentação das cousas rasas; - o amor de néctar,
- o néctar do amor,
e pairaríamos nos céus
seduzindo do alto,
admirando de longe!...

MEU GLORIOSO PECADO (1928)

Saudade

De quem é esta saudade
que meus silêncios invade,
que de tão longe me vem?

De quem é esta saudade,
de quem?

Aquelas mãos só carícias,
Aqueles olhos de apelo,
aqueles lábios
-desejo...

E estes dedos engelhados,
e este olhar de vã procura,
e esta boca sem um beijo...

De quem é esta saudade
que sinto quando me vejo?

VELHA POESIA (1968)

Sensual

Quando, longe de ti, solitaria, medito
 neste affecto pagão que envergonhada occulto,
 vem-me ás narinas, logo, o perfume exquisito
 que o teu corpo desprende e ha no teu proprio vulto.

A febril confissão deste affecto infinito
 ha muito que, medrosa, em meus labios sepulto,
 pois teu lascivo olhar em mim pregado, fito,
 á minha castidade é como que um insulto.

Si acaso te achas longe, a colossal barreira
 dos protestos que, outr'ora, eu fizera a mim mesma
 de orgulhosa virtude, erige-se altaneira,

Mas, si estás ao meu lado, a barreira desaba,
 e sinto da volupia a ascosa e fria lêsma
 minha carne polluir com repugnante baba...

CRISTAIS PARTIDOS (1915)

Ser Mulher...

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
 para os gozos da vida; a liberdade e o amor;
 tentar da glória a etérea e altivola escalada,
 na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
 para poder, com ela, o infinito transpor;
 sentir a vida triste, insípida, isolada,
 buscar um companheiro e encontrar um senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
 para a larga expansão do desejado surto,
 no ascenso espiritual aos perfectos ideais...

Ser mulher, e, oht atroz, tantállica tristeza!
 ficar na vida qual uma águla inerte, presa
 nos pesados grilhões dos preceitos sociais!

CRISTAIS PARTIDOS (1915)

35

Troversando

Maternidade mesquinha
sem lar namorando as casas...
Aí! que inveja das galinhas
que abriga os filhos nas asas!

Há sempre felicidade
na lembrança de um carinho
quem conserva uma saudade
nunca fica mais sozinho.

No dia a dia da cena
a verdade não prefiras,
que a vida só vale a pena
por suas lindas mentiras.

A minha mente deplora
o pranto com que me inundo...
é por meus olhos que chora
toda tristeza do mundo.

VELHA POESIA (1968)

36

Velhice

Aí!
esta solidão
este silêncio, sem
alguém
que nos fale
e que nos queira ouvir,
sem lembranças
ou esperanças,
que o passado passou
e já
não há
porvir!

Como é triste velar
nosso próprio cadáver!
Como é triste morrer antes da morte vir.

VELHA POESIA (1968)

Volúpia

Tenho-te, do meu sangue alongada nos veios,
à tua sensação me alheio a todo o ambiente;
os meus versos estão completamente cheios
do teu veneno forte, invencível e fluente.

Por te trazer em mim, adquiri-os, tomei-os,
o teu modo sutil, o teu gesto indolente.
Por te trazer em mim moldei-me aos teus coleios,
minha íntima, nervosa e rubida serpente.

Teu veneno letal torna-me os olhos baços,
e a alma pura que trago e que te repudia,
inutilmente anseia esquivar-se aos teus laços.

Teu veneno letal torna-me o corpo lângue,
numa circulação longa, lenta, macia,
a subir e a descer, no curso do meu sangue.

ESTADOS DA ALMA (1917)

★ HILDA HILST ★

"Costuro o infinito sobre o peito."



39

Alcoólicas

I

É crua a vida. Alça de tripa e metal.
 Nela despenco: pedra mórula ferida.
 É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.
 Como-a no livor da língua
 Tinta, lavo-te os antebraços, Vida, lavo-me
 No estreito-pouco
 Do meu corpo, lavo as vigas dos ossos, minha vida
 Tua unha plúmbea, meu casaco rosso.
 E perambulamos de coturno pela rua
 Rubras, góticas, altas de corpo e copos.
 A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.
 E pode ser tão generosa e mitica: arroio, lágrima
 Olho d'água, bebida. A Vida é líquida.

DO DESEJO (1992)

40

II

Também são cruas e duras as palavras e as caras
 Antes de nos sentarmos à mesa, tu e eu, Vida
 Diante do coruscante ouro da bebida. Aos poucos
 Vão se fazendo remansos, lentilhas d'água, diamantes
 Sobre os insultos do passado e do agora. Aos poucos
 Somos duas senhoras, encharcadas de riso, rosadas
 De um amora, um que entrevi no teu hálito, amigo
 Quando me permitiste o paraíso. O sinistro das horas
 Vai se fazendo tempo de conquista. Langor e sofrimento
 Vão se fazendo olvido. Depois deitadas, a morte
 É um rel que nos visita e nos cobre de mirra.
 Sussurras: ah, a vida é líquida.

DO DESEJO (1992)

41

III

Alturas, tiras, subo-as, recorto-as
 E palramos as duas, eu e a Vida
 No carmim da borrasca. Embriagadas
 Mergulhamos nítidas num borraçal que coaxa.
 Que estilosa galhofa. Que desempenados
 Serafins. Nós duas nos vapores
 Lobotômicas líricas, e a galvagem
 se transforma em galarim, e é translúcida
 A lama e é extremoso o Nada.
 Descasco o dementado cotidiano
 E seu rito pastoso de parábolas.
 Pacientes, canonisas, muito bem-educadas
 Aguardamos o tépido poente, o copo, a casa.
 Ah, o todo se dignifica quando a vida é líquida

DO DESEJO (1992)

42

Amavisse

I

Carrega-me contigo, Pássaro-Poesia
 Quando cruzares o Amanhã, a luz, o impossível
 Porque de barro e palha tem sido esta viagem
 Que faço a sós contigo, isenta de traçado
 Ou de complicada geografia, sem nenhuma bagagem
 Fiei de levar apenas a vertigem e a fé:
 Para teu corpo de luz, dois fardos breves.
 Deixarei palavras e cantigas E movediças
 Embaçadas vias de ilusão.
 Não cantei cotidianos. Só te contei a ti
 Pássaro-Poesia
 E a paisagem-limite: o fosso, o extremo
 A convulsão do homem.

Carrega-me contigo.
 No amanhã.

AMAVISSE (1989)

43

II

Como se te perdesse, assim te quero.
 Como se não te visse (favas douradas
 Sob um amarelo) assim te apreendo brusco
 Inamovível, e te respiro inteiro

Um arco-íris de ar em águas profundas.

Como se tudo o mais me permitisses,
 A mim me fotografo nuns portões de ferro
 Ocre, altos, e eu mesma diluída e mínima
 No dissoluto de toda despedida.

Como se te perdesse nos trans, nas estações
 Ou contornando um círculo de águas:
 Removente ave, assim te somo a mim:
 De redes e de anseios inundada.

AMAVISSE (1989)

44

Árias Pequenas. Para Bandolim

XI

Antes que o mundo acabe, Túlio,
 Delta-te e prova
 Esse milagre do gosto
 Que se fez na minha boca
 Enquanto o mundo grita
 Belicoso. E ao meu lado
 Te fazes árabe, me faço israelita
 E nos cobrimos de beijos
 E de flores

Antes que o mundo se acabe
 Antes que acabe em nós
 Nosso desejo.

JÚBILU, MEMÓRIA, NOVIADO DA PAIXÃO (1974)

Cantares de perda e predileção

I

Vida da minha alma:
 Recaminhei casas e paisagens
 Buscando-me a mim, minha tua cara.
 Recaminhei os escombros da tarde
 Folhas enegrecidas, gomos, cascas
 Papéis de terra e tinta sob as árvores
 Nichos onde nos confessamos, praças

Revi os cães. Não os mesmos. Outros:
 De igual destino, loucos, tristes.
 Nós dois, meu odio-amor, atravessando
 Cinzas e paredões, o percurso da vida.

Busquei a luz e o amor. Humana, atenta
 Como quem busca a boca nos confins da sede.
 Recaminhei as nossas construções, tijolos
 Pás, a areia dos dias

E tudo que encontrei te digo agora:
 Um outro alguém sem cara. Tosco. Cego.
 O arquiteto dessas armadilhas.

CANTARES DE PERDA E PREDILEÇÃO (1983)

II

Que dor desses calendários
 Sumidiços, fatos, datas
 O tempo envolto em visgo
 Minha cara buscando
 Teu rosto reversivo.

Que dor no branco e negro
 Desses negativos
 Lisura congelada do papel
 Fatos roídos
 E teus dedos buscando
 A carnação da vida.

Que dor de abraços
 Que dor de transparência
 E gestos nulos
 Derretidos retratos
 Fotos fitas
 Que rolo sinistro
 Nas gavetas.

Que gosto esse do Tempo
 De estancar o jorro de umas vidas.

CANTARES DE PERDA E PREDILEÇÃO (1983)

47

III

Se a tua vida se estender
 Mais do que a minha
 Lembra-te, meu ódio-amor,
 Das cores que vivíamos
 Quando o tempo do amor nos envolvia.
 Do ouro, Do vermelho das carícias,
 Das tintas de um ciúme antigo
 Derramado
 Sobre o meu corpo suspeito de conquistas.
 Do castanho de luz do teu olhar
 Sobre o dorso das aves. Daquelas árvores:
 Estrias de um verde-cinza que tocávamos.

E folhas da cor das tempestades
 contornando o espaço
 De dor e afastamento.

Tempo turquesa e prata
 Meu ódio-amor, senhor da minha vida.
 Lembra-te de nós. Em azul. Na luz da caridade.

CANTARES DE PERDA E PREDILEÇÃO (1983)

48

Do desejo

Quem és? Perguntei ao desejo.
 Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
 Antes, o cotidiano era um pensar alturas
 Buscando Aquela Outra decantado
 Surdo à minha humana ladradura.
 Visgo e suor, pois nunca se faziam.
 Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
 Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
 Depois das lidas. Sonhei penhascos
 Quando havia o jardim aqui ao lado.
 Pensei subidas onde não havia rastros.
 Extasiada, fodo contigo
 Ao invés de ganir diante do Nada.

DO DESEJO (1992)

49

II

Ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras.
 Que desenhos e rictus na tua cara
 Como os frisos veementes dos tapetes antigos.
 Que sombrio te tornas se repito
 O sinuoso caminho que persigo: um desejo
 Sem dono, um adorar-te vivido mas livre.
 E que escura me faço se abocanhas de mim.
 Palavras e resíduos. Me vêm fomes
 Agonias de grandes espessuras, embaçadas luas
 Facas, tempestade. Ver-te. Tocar-te.
 Cordura.
 Crueldade.

DO DESEJO (1992)

50

III

Colada à tua boca a minha desordem.
 O meu vasto querer.
 O impossível se fazendo ordem.
 Colada à tua boca, mas descomedida
 Árdua
 Construtor de ilusões examino-te sófrega
 Como se fosses morrer colado à minha boca.
 Como se fosse nascer
 E tu fosses o dia magnânimo
 Eu te sorvo extremada à luz do amanhecer.

DO DESEJO (1992)

51

Poema aos homens do nosso tempo

XIV

Ao teu encontro, Homem do meu tempo,
 E à espera de que tu prevaleças
 À rosácea de fogo, ao ódio, às guerras,
 Te cantarei infinitamente à espera de que
 um dia te conheças
 E convides o poeta e a todos esses amantes
 da palavra, e os outros,
 Alquimistas, a se sentarem contigo à tua mesa.
 As coisas serão simples e redondas, justas. Te cantarei
 Minha própria rudeza e o difícil de antes,
 Aparências, o amor dilacerado dos homens
 Meu próprio amor que é o teu
 O mistério dos rios, da terra, da semente.
 Te cantarei Aquele que me fez poeta e que me prometeu
 Compaixão e ternura e paz na Terra
 Se ainda encontrasse em ti, o que te deu.

JÚBILU, MEMÓRIA, NOVICIADO DA PAIXÃO (1974)

52

XIII

Ávidos de ter, homens e mulheres caminham pelas ruas.
 As amigas sonâmbulas, invadidas de um
 novo a mais querer,
 Se debruçam banais, sobre as vitrines curvas.
 Uma pergunta brusca, enquanto tu caminhas pelas ruas.
 Te pergunto: E a entranha?
 De ti mesma, de um poder que te foi dado
 Alguma coisa clara se fez? Ou porque tudo se perdeu
 E que procuras nas vitrines curvas, tu mesma,
 Possuída de sonho, tu mesma infinita, maga,
 Tua aventura de ser, tão esquecida?
 Por que não tentas esse poço de dentro
 O incomensurável, um passeio veemente pela vida?
 Teu outro rosto. Único. Primeiro. E encantada
 De ter teu rosto verdadeiro, desejarias nada.

JÚBILU, MEMÓRIA, NOVICIADO DA PAIXÃO (1974)

53

XVI

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.
Dirás que sangue é o não teres teu ouro
E o poeta te diz: compra o teu tempo.

Contempla o teu viver que corre, escuta
O teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te fala.
Enquanto faço o verso, tu que não me lês
Sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.

O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:
"Meu precioso tempo não pode ser
perdido com os poetas".
Irmão do meu momento: quando eu morrer
Uma coisa Infinita também morre. É difícil dizê-lo:
MORRE O AMOR DE UM POETA.

E isso é tanto, que o teu ouro não compra,
E tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto
Não cabe no meu canto.

JÚBILU, MEMÓRIA, NOVIADO DA PAIXÃO (1974)

54

Porque há desejo em mim

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado,
Pensei subidas onde não havia rastros.
Extasiada, fodo contigo
Ao invés de ganhar diante do Nada.

DO DESEJO (1992)

55

Tenta-me de novo

E por que haverias de querer minha alma
 Na tua cama?
 Disse palavras líquidas, delitosas, ásperas
 Obscenas, porque era assim que gostávamos.
 Mas não menti gozo prazer lascívia
 Nem omiti que a alma está além, buscando
 Aquela Outro. E te repito: por que haverias
 De querer minha alma na tua cama?
 Jubila-te da memória de coitos e acertos.
 Ou tenta-me de novo. Obrigame.

DO DESEJO (1992)

56

Testamento lírico

Se quiserem saber se pedi muito
 Ou se nada pedi, nesta minha vida,
 Saiba, senhor, que sempre me perdi
 Na criança que fui, tão confundida.
 À noite ouvia vozes e regressos.
 À noite me falava sempre sempre
 Do possível de fábulas, de fadas,
 O mundo na varanda, Céu aberto,
 Castanheiras douradas, Meu espanto
 Diante das muitas falas, das risadas.
 Eu era uma criança delirante.
 Nem soube defender-me das palavras.
 Nem soube dizer das aflições, da mágoa
 De não saber dizer coisas amantes,
 O que vivia em mim, sempre calava.

Eu não sou mais que a infância. Nem pretendo
 Ser outra, comedida. Ah, se soubésseis!
 Ter escolhido um mundo, este em que vivo,
 Ter rituais e gestos e lembranças,
 Viver secretamente. Em sigilo
 Permanecer aquela, esquiva e dócil.
 Querer deixar um testamento lírico

E escutar (apesar) entre as paredes
 Um ruído inquietante de sorrisos
 Uma boca de plumas, murmurante.

Nem sempre há de falar-vos um poeta,
 E ainda que minha voz não seja ouvida
 Um dentre vós, resguardará (por certo)
 A criança que foi. Tão confundida.

EXERCÍCIOS (2002)

57

Trovas de muito amor para um amado senhor

I

Nave
Ave
Moinho
E tudo mais serei
Para que seja leve
Meu passo
Em vosso caminho.

TROVAS DE MUITO AMOR PARA UM AMADO SENHOR (1960)

58

XIII

Dizeis que tenho vaidades,
E que no vosso entender
Mulheres de pouca idade
Que não se queiram perder
É preciso que não tenham
Tantas e tais veleidades.
Senhor, se a mim me acrescento
Flores e renda, cetins,
Se solto o cabelo ao vento
É bem por vós, não por mim.
Tenho dois olhos contentes
E a boca fresca e rosada.
E a vaidade só consente
Vaidades, se desejada,
E além de vós
Não desejo nada.

TROVAS DE MUITO AMOR PARA UM AMADO SENHOR (1960)

★ ANA CRISTINA CESAR ★

"É sempre mais difícil ancorar um navio no espaço."



Casablanca

Te acalma, minha loucural
Veste galochas nos teus cílio tontos e habitados!
Este som de serra de afiar as facas
não chegará nem perto do teu canteiro de taquicardias...
Estas molas a gemer no quarto ao lado
Roberto Carlos a gemer nas curvas da Bahia
O cheiro inebriante dos cabelos na fila em frente no
cinema...
As chaminés espumam pros meus olhos
As hélices do adeus despertam pros meus olhos
Os tamancos e os sinos me acordam depressa na madru-
gada feita de binóculos de gávea
e chuveirinhos de bidê que escuto rígida nos lençóis de
pano

62

Conversa de senhoras

Não preciso nem casar
 Tiro dele tudo que preciso
 Não saio mais daqui
 Duvido muito
 Esse assunto de mulher já terminou
 O gato comeu e regalou-se
 Ele dança que nem um realejo
 Escritor não existe mais
 Mas também não precisa virar deus
 Tem alguém na casa
 Você acha que ele aguenta?
 Sr. temura está batendo
 Eu não estava nem aí
 Conchavando: eu faço a tréplica
 Armadilha: louca pra saber
 Ela é esquisita
 Também você mente demais
 Ele está me patrulhando
 Para quem você vendeu seu tempo?
 Não sei dizer: fiquei com o gauche
 Não tem a menor lógica
 Mas e o trampo?
 Ele está bonzinho
 Acho que é mentira
 Não começa

ATEUS PES (1982)

63

Duas antigas

I

Vamos fazer alguma coisa:
 escreva cartas doces e azedas
 Abre a boca, deusa
 Aquela solenidade destransando leve
 Linhas cruzando: as mulheres gostam
 de provocação
 Saboreando o privilégio
 seu livro solta as folhas
 Ai então ela percebeu que seu olho corria veloz pelo
 museu e só parava em três, desprezando
 como uma ignorante os outros grandes. E ficou feliz e
 muito certa com a volúpia da sua ignorância.
 Só e sempre procura essas frases soltas no seu livro que
 conta história que não pode ser contada.
 Só tem caprichos
 É mais e mais diária
 — e não se perde no meio de tanta e tamanha compa-
 nhia.

A TELUS PES (1982)

64

II

Eu também, não resisto. Dans mon île, vendo a barca e as gaivotinhas passarem. Sua resposta vem de barca e passa por aqui, muito rara. Quando tenho insônia me lembro sempre de uma gaffe e de um anúncio do museu: "To see all these works together is an experience not to be missed". E eu nem nada. Fiz misérias nos caminhos do conhecer. Mas hoje estou doente de tanta estupidez porque espero ardentemente que alguma coisa... divina aconteça. F for fake. Os horóscopos também erram. Me escreve mais, manda um postal do azul (eu não me espanto). O lugar do passado? Na próxima te digo quem são os 3, mas os outros grandes... eu resisto. Não fica aborrecida: beijo político lábios de cada amor que tenho.

ATEUS PÉS (1982)

65

Enciclopédia

Hécate ou Hécata, em gr. Hekaté. Mit. gr. Divindade lunar e marinha, de tríplice forma (muitas vezes com três cabeças e três corpos). Era uma deusa órfica, parece que originária da Trácia. Enviava aos homens os terrores noturnos, os fantasmas e os espectros. Os romanos a veneravam como deusa da magia infernal.

CENAS DE ABRIL (1979)

66

Este livro

Meu filho. Não é automatismo. Juro. É jazz do coração.
É prosa que dá prêmio. Um tea for two total,
tilintar de verdade que você seduz, charmeur volante,
pela pista, a toda. Enfie a carapuça.
E cante.
Puro açúcar branco e blue.

A TEUS PÉS (1982)

67

Final de uma ode

Acontece assim; tiro as pernas do balcão de onde via um sol de inverno se pondo no Tejo e saio de fininho dolorosamente dobradas as costas e segurando o queixo e a boca com uma das mãos. Sacudo a cabeça e o tronco incontrolavelmente, mas de maneira curta, curta, entendem? Eu estava dando gargalhadinhas e agora estou sofrendo nosso próximo falecimento, minhas gargalhadinhas evoluíram para um sofrimento meio nojento, meio ocasional, sinto um dó extremo do rato que se fere no porão, ai que outra dor súbita, ai que estranheza e que lusitano torpor me atira de braços abertos sobre as ripas do cais ou do palco ou do quartinho. Quisera dividir o corpo em heterônimos — medito aqui no chão, imóvel tóxico do tempo.

CENAS DE ABRIL (1979)

68

Instruções de bordo

Pirataria em pleno ar.
 A faca nas costelas da aeromoça.
 Flocos despencando pelos cantos dos
 lábios e casquinhas que suguel atrás
 da porta.
 Ser a greta,
 o garbo,
 a eterna Liu-chiang dos postais vermelhos,
 Latejar os túneis lua azul celestial azul.
 Degolar, atemorizar, apertar
 o cinto o senso a mancha
 roxa na coxa: calores lunares,
 copas de champã, charutos úmidos de
 licores chineses nas alturas.
 Metálico torpor na barriga
 da baleia.
 Da cabine o profeta feio,
 de bandeja.
 Três misses sapatinho fino alto esmalte nau
 dos insensatos supervoos
 rasantes ao luar
 despetaladamente
 pelada
 pedalar sem cócegas sem súcubos
 incomparável poltrona reclinável

CENAS DE ABRIL (1979)

69

Inverno europeu

Daqui é mais difícil: país estrangeiro, onde o creme de leite é desconjunturado e a subjetividade se parece com um roubo inicial. Recomendo cautela. Não sou personagem do seu livro e nem que você queira não me recorta no horizonte teórico da década passada. Os militantes sensuais passam a bola: depressão legítima ou charme diante das mulheres inquietas que só elas? Manifesto: segura a bola; eu de conviva não digo nada e indiscretíssima descalço as luvas (no máximo), à direita de quem entra.

A TELUS PES (1982)

70

Marfim

A moça desceu os degraus com o robe monogramado no peito: L. M. sobre o coração. Vamos iniciar outra Correspondência, ela propõe. Você já amou alguém verdadeiramente? Os limites do romance realista. Os caminhos do conhecer. A imitação da rosa. As aparências desenganam. Estou desenganada. Não reconheço você, que é tão quieta, nessa história. Liga amanhã outra vez sem falta. Não posso interromper o trabalho agora. Gente falando por todos os lados. Palavra que não mexe mais no barril de pólvora plantado sobre a torre de marfim.

A TEUS PÉS (1982)

71

Mocidade independente

Pela primeira vez infringi a regra de ouro e voei pra cima sem medir as consequências. Por que recusamos ser proféticas? E que dialeto é esse para a pequena audiência de serão? Voei pra cima: é agora, coração, no carro em fogo pelos ares, sem uma graça atravessando o estado de São Paulo, de madrugada, por você, e furiosa: é agora, nesta contramão.

A TEUS PÉS (1982)

72

Nada, esta espuma

Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever
mas não sei se a deusa sobe à superfície
ou apenas me castiga com seus uivos.
Da amurada deste barco
quero tanto os seios da sereia.

CENAS DE ABRIL (1979)

73

Noite carioca

Diálogo de surdos, não amistoso no frio. Atravanco na
contramão. Suspiros no contrafluxo. Te apresento a mu-
lher mais discreta do mundo: essa que não tem nenhum
segredo.

A TEUS PÉS (1982)

74

Que desliza

Onde seus olhos estão
as lupas desistem.
O túnel corre, interminável
pouso negro sem quebra
de estações.
Os passageiros nada adivinham.
Deixam correr
Não ficam negros
Deslizam na borracha
carinho discreto
pelo cansaço
que apenas se recosta
contra a transparente
escuridão.

A TEUS PÉS (1982)

75

Sete chaves

Vamos tomar chá das cinco e eu te conto minha grande
história passionai,
que guardei a sete chaves,
e meu coração bate incompassado entre gaufrettes,
Conta mais essa história,
me aconselhas como um marechal-do-ar fazendo ale-
goria.
Estou tocada pelo fogo.
Mals um roman à clé?
Eu nem respondo.
Não sou dama nem mulher moderna.
Nem te conheço.
Então:
É daqui que eu tiro versos, desta festa
— com arbitrio silencioso e origem que não confesso —
como quem apaga seus pecados de seda,
seus três monumentos pátrios,
e passa o ponto e as luvas.

A TEUS PÉS (1982)

76

Sumário

Polly Kellog e o motorista Osmar.
 Dramas rápidos mas intensos.
 Fotogramas do meu coração conceitual.
 De tomara-que-caia azul-marinho.
 Engulo desaforos mas com sinceridade.
 Sorsa com bom-senso.
 Antena da praça.
 Artista da poupança.
 Absolutely blind.
 Tesão do talvez.
 Salta-pocinhas.
 Água na boca.
 Anjo que registra.

ATEUS PÉS (1982)

77

Último adeus

I

Os navios fazem figuras no ar
 escapam a cores — os faunos.
 Os corpos dos bombeiros bailam
 no brilho dos meus pés.
 Do cais morda
 Impaciente
 a mão imersa
 nos faróis.

CENAS DE ABRIL (1979)

78

II

O navio desatraca
 imagino um grande desastre sobre a terra
 as lições levantam voo,
 agudas
 pânticos felinos debruçados na amurada
 e na deck chair
 ainda te escuto folhear os últimos poemas
 com metade de um sorriso

CENAS DE ABRIL (1979)

79

II

Tenho escrito longamente sobre este assunto
 Aizita traz o chá
 Bebericamos na varanda
 Nenhum descontrolo na tarde
 Intervalo para as folhas caindo da árvore em frente
 que nos entra pela janela
 Não precisamos nos dizer nada
 O parapeito vaza outra indicação
 seca do presente
 Ouvimos:
 outra indicação seca do presente
 Aizita vai ver na folhinha
 pendurada no prego da cozinha
 Acaba o chá
 Acaba a colher de chá
 Longamente
 Eu também, bem, tenho escrito

CENAS DE ABRIL (1979)

80

Vacilo da vocação

Precisaria trabalhar — afundar —
— como você — saudades loucas —
nesta arte — ininterrupta —
de pintar —
A poesia não — telegráfica — ocasional —
me deixa sola — solta —
à mercê do impossível —
— do real.

A TEUS PÉS (1982)

★ CLARICE LISPECTOR ★

"Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do
que é possível de fazer sentido"



A Lucidez Perigosa

Estou sentindo uma clareza tão grande
que me anula como pessoa atual e comum:
é uma lucidez vazia, como explicar?
assim como um cálculo matemático perfeito
do qual, no entanto, não se precise.

Estou por assim dizer
vendo claramente o vazio.
E nem entendo aquilo que entendo:
pois estou infinitamente maior que eu mesma,
e não me alcanço.

Além do que:
que faço dessa lucidez?
Sei também que esta minha lucidez
pode-se tornar o inferno humano
- já me aconteceu antes.

Pois sei que
- em termos de nossa diária
é permanente acomodação
resignada à irreabilidade -
essa clareza de realidade
é um risco.

Apagai, pois, minha flama, Deus,
porque ela não me serve
para viver os dias.
Ajudai-me a de novo consistir
dos modos possíveis.
Eu consisto,
eu consisto,
amém.

A DESCOBERTA DO MUNDO
[Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973]

A Perfeição

O que me tranquiliza
é que tudo o que existe,
existe com uma precisão absoluta.
O que for do tamanho de uma cabeça de alfinete
não transborda nem uma fração de milímetro
além do tamanho de uma cabeça de alfinete.
Tudo o que existe é de uma grande exatidão.
Pena é que a maior parte do que existe
com essa exatidão
nos é tecnicamente invisível.
O bom é que a verdade chega a nós
como um sentido secreto das coisas.
Nós terminamos adivinhando, confusos,
a perfeição.

A DESCOBERTA DO MUNDO
[Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973]

84

Alma luz

Minha alma tem o peso da luz.
Tem o peso da música.
Tem o peso da palavra nunca dita.
prestes quem sabe a ser dita.
Tem o peso de uma lembrança.
Tem o peso de uma saudade.
Tem o peso de um olhar.
Pesa como pesa uma ausência.
É a lágrima que não se chora.
Tem o imaterial peso da solidão
No meio de outros.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

85

Amor à Terra

Laranja na mesa.
Bendita a árvore
que te pariu.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

86

Dá-me a tua mão

Dá-me a tua mão:
 Vou agora te contar
 como entrei no inexpressivo
 que sempre foi a minha busca cega e secreta.
 De como entrei
 naquilo que existe entre o número um e o número dois,
 de como vi a linha de mistério e fogo,
 e que é linha sub-reptícia.

Entre duas notas de música existe uma nota,
 entre dois fatos existe um fato,
 entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam
 existe um intervalo de espaço,
 existe um sentir que é entre o sentir
 - nos interstícios da matéria primordial
 está a linha de mistério e fogo
 que é a respiração do mundo,
 e a respiração contínua do mundo
 é aquilo que ouvimos
 e chamamos de silêncio.

A DESCOBERTA DO MUNDO
 (Uma compilação de escritos publicados
 em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

87

Estrela perigosa

Estrela perigosa
 Rosto ao vento
 Marulho e silêncio
 leve porcelana
 templo submerso
 trigo e vinho
 tristeza de coisa vivida
 árvores já floresceram
 o sal trazido pelo vento
 conhecimento por encantação
 esqueleto de idéias
 ora pro nobis
 Decompor a luz
 mistério de estrelas
 paixão pela exatidão
 caça aos vagalumes.
 Vagalume é como orvalho
 Diálogos que disfarçam conflitos por explodir
 Ela pode ser venenosa como às vezes o cogumelo é.

No obscuro erotismo de vida cheia
 nodosas raízes,
 Missa negra, feiticeiros,
 Na proximidade de fontes,
 lagos e cachoeiras
 braços e pernas e olhos,
 todos mortos se misturam e clamam por vida.
 Sinto a falta dele
 como se me faltasse um dente na frente:
 excrucitante.
 Que medo alegre,
 o de te esperar.

A DESCOBERTA DO MUNDO
 (Uma compilação de escritos publicados
 em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

88

Eu

Sou composta por urgências:
minhas alegrias são intensas;
minhas tristezas, absolutas,
Entupo-me de ausências,
Esvazio-me de excessos,
Eu não caibo no estreito,
eu só vivo nos extremos.

Pouco não me serve,
médio não me satisfaz,
metades nunca foram meu forte!

Todos os grandes e pequenos momentos,
feitos com amor e com carinho,
são pra mim recordações eternas.
Palavras até me conquistam temporariamente...
Mas atitudes me perdem ou me ganham para sempre.

Suponho que me entender
não é uma questão de inteligência
e sim de sentir,
de entrar em contato...
Ou toca, ou não toca.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

89

Mão

Agora preciso de tua mão,
não para que eu não tenha medo,
mas para que tu não tenhas medo.
Sei que acreditar em tudo isso será,
no começo, a tua grande solidão.
Mas chegará o instante em que me darás a mão,
não mais por solidão, mas como eu agora:
Por amor.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

90

Mas há a vida

Mas há a vida
que é para ser
intensamente vivida, há o amor.

Que tem que ser vivido
até a última gota,
Sem nenhum medo,
Não mata.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

91

Meu Deus, me dê a coragem

Meu Deus, me dê a coragem
de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites,
todos vazios de Tua presença.
Me dê a coragem de considerar esse vazio
como uma plenitude.
Faça com que eu seja a Tua amante humilde,
entrelaçada a Ti em êxtase.
Faça com que eu possa falar
com este vazio tremendo
e receber como resposta
o amor materno que nutre e embala.
Faça com que eu tenha a coragem de Te amar,
sem odiar as Tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo.
Faça com que a solidão não me destrua.
Faça com que minha solidão me sirva de companhia.
Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Faça com que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.
Receba em teus braços
o meu pecado de pensar.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

92

Minha alma tem o peso da luz

Minha alma tem o peso da luz.
 Tem o peso da música.
 Tem o peso da palavra nunca dita,
 prestes quem sabe a ser dita.
 Tem o peso de uma lembrança.
 Tem o peso de uma saudade.
 Tem o peso de um olhar.
 Pesa como pesa uma ausência.
 É a lágrima que não se chorou.
 Tem o imaterial peso da solidão no meio de outros.

A DESCOBERTA DO MUNDO
 (Uma compilação de escritos publicados
 em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

93

Não entendo

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais; mas pelo menos entender que não entendo.

A DESCOBERTA DO MUNDO
 (Uma compilação de escritos publicados
 em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

94

Não te amo mais

Não te amo mais.
Estarei mentindo dizendo que
Ainda te quero como sempre quis.
Tenho certeza que
Nada foi em vão.
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada.
Não poderia dizer jamais que
Alimento um grande amor.
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci.
E jamais usarei a frase
EU TE AMO!
Sinto, mas tenho que dizer a verdade
É tarde demais...

(Obs.: Agora leia de baixo para cima.
Este poema tem interpretações distintas.)

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

95

Nossa truculência

Quando penso na alegria voraz
com que comeremos galinha ao molho pardo,
dou-me conta de nossa truculência.
Eu, que seria incapaz de matar uma galinha,
tanto gosto delas vivas
mexendo o pescoço feio
e procurando minhocas.
Deveríamos não comê-las e ao seu sangue?
Nunca.
Nós somos canibais,
é preciso não esquecer.
É respeitar a violência que temos.
E, quem sabe, não comêssemos a galinha ao molho
pardo,
comeríamos gente com seu sangue.

Minha falta de coragem de matar uma galinha
e no entanto comê-la morta
me confunde, espanta-me,
mas aceito.
A nossa vida é truculenta:
nasce-se com sangue
e com sangue corta-se a união
que é o cordão umbilical.
E quantos morrem com sangue.
É preciso acreditar no sangue
como parte de nossa vida.
A truculência.
E amor também.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

O Nascimento do Prazer

O prazer nascendo dói tanto no peito que se prefere sentir a habitual dor ao insólito prazer. A alegria verdadeira não tem explicação possível, não tem a possibilidade de ser compreendida – e se parece com o início de uma perdição irrecuperável. Esse fundir-se total é insuportavelmente bom – como se a morte fosse o nosso bem maior e final, só que não é a morte, é a vida incomensurável que chega a se parecer com a grandeza da morte. Deve-se deixar inundar pela alegria aos poucos – pois é a vida nascendo. E quem não tiver força, que antes cubra cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para poder tolerar a vida. Essa película pode consistir em qualquer ato formal protetor, em qualquer silêncio ou em várias palavras sem sentido. Pois o prazer não é de se brincar com ele. Ele é nós.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

Passional

Sou um ser totalmente passional.
Sou movida pela emoção, pela paixão... tenho meus desatinos...
Detesto coisas mais ou menos.
Não sei conviver com pessoas mais ou menos.
Não sei amar mais ou menos.
Não me entrego de forma mais ou menos.
Se você procura alguém coerente, sensata, politicamente correta, racional, cheia de moralismo... ESQUEÇA-ME!
Se você sabe conviver com pessoas intempestivas, emotivas, vulneráveis, amáveis, que explodem na emoção...
ACOLHA-ME!
Se você se assusta com esse meu jeito de ser, AFASTE-SE!
Se você quiser me conhecer melhor, APROXIME-SE!
Se você não gosta de mim, IGNORE-ME!
E quando eu partir... não chore.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

98

Quero escrever o borrão vermelho de sangue

Quero escrever o borrão vermelho de sangue
com as gotas e coágulos pingando
de dentro para dentro.
Quero escrever amarelo-ouro
com raios de translucidez.
Que não me entendam
pouco-se-me-dá.
Nada tenho a perder.
Jogo tudo na violência
que sempre me povoou,
o grito áspero e agudo e prolongado,
o grito que eu,
por falso respeito humano,
não dei. Mas aqui vai o meu berro
me rasgando as profundas entranhas
de onde brota o estertor ambicionado.
Quero abarcar o mundo
com o terremoto causado pelo grito.
O clímax de minha vida será a morte. Quero escrever
noções
sem o uso abusivo da palavra.
Só me resta ficar nua:
nada tenho mais a perder.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

99

Solidão

[...]

Que minha solidão me sirva de companhia,
que eu tenha a coragem de me enfrentar,
que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.

A DESCOBERTA DO MUNDO
(Uma compilação de escritos publicados
em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

100

Sonhe

Seja o que você quer ser,
 porque você possui apenas uma vida e nela só se tem
 uma chance
 de fazer aquilo que quer.

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
 Dificuldades para fazê-la forte.
 Tristeza para fazê-la humana.
 E esperança suficiente para fazê-la feliz.

As pessoas mais felizes não têm as melhores coisas.
 Elas sabem fazer o melhor das oportunidades que a
 parecem em seus caminhos.

A felicidade aparece para aqueles que choram.
 Para aqueles que se machucam.
 Para aqueles que buscam e tentam sempre.
 E para aqueles que reconhecem a importância das
 pessoas que passam por suas vidas.

A DESCOBERTA DO MUNDO
 (Uma compilação de escritos publicados
 em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

101

Sou

[...]

Assombrada pelos meus fantasmas,
 pelo que é mítico e fantástico
 – a vida é sobrenatural.
 E eu caminho em corda bamba até o limite de
 meu sonho.

As vísceras torturadas pela voluptuosidade
 Guiam-me, fúria dos impulsos. Antes de me organizar,
 tenho que me desorganizar internamente.
 Para experimentar o primeiro e passageiro
 estado primário de liberdade.
 Da liberdade de errar, cair e levantar-me.

A DESCOBERTA DO MUNDO
 (Uma compilação de escritos publicados
 em jornais e revistas entre 1967 e 1973)

102

★ CECÍLIA MEIRELES ★

"Liberdade de voar num horizonte qualquer, liberdade de
pousar onde o coração quiser."



104

A vitorino nemésio

Brisa da beira do Minho,
verde barca transparente
que ninguém vê pelos ares
alígera e independente,
cheia de ais e de suspiros
seguindo tão diferente
caminho!

De um lado e do outro do Minho
ponte eólea na torrente,
vão-se amores e pesares,
de saudade permanente...
Verde brisa em verdes giros
formando tão diferente
caminho!

Áureos corações do Minho
com sangue de luz ardente,
por invisíveis lugares
saltam da sua corrente...
Barca de ais e de suspiros:
instantâneo e diferente
caminho.

(1953)

105

Arlequim

A grande sala estava constantemente vazia.
O piano, às vezes, ficava aberto
e exalava um cheiro antigo de madeira, seda, metal.

As estátuas seguravam seus mantos,
Olhando e sorrindo, altas e alvas.

E eu parava e ouvia o silêncio:
o silêncio é feito como de muitos guizos,
leves, pequeninos,
campânulas de flor com aragem e orvalho.
Quando abriam as cortinas,
pela vidraça multicolor o sol passava
e deitava-se no sofá como um longo Arlequim.

Meu coração batia quase com o mesmo som
daquele relógio de cristal
que se via brilhar entre pequenas colunas
brancas e douradas.

Tudo era calmo e belo
e naquele sofá o Arlequim de luz dormia.

(1959)

106

Arqueologia

Minhas figuras amadas
foram sempre só muralhas
severamente guardadas.
Foram como fortalezas
no alto de rocas soberbas
com cruzeiros de fogo acesas.

Assim cantava o rei triste
no seu palácio arqueológico
para o ouvido das esfinges.

Minhas figuras amadas
não se rendiam com armas,
- fossem lanças, punhaladas,
humilde lágrima pura:
nessa batalha diuturna
morria a minha bravura.

Assim triste o rei cantava
no seu palácio arqueológico
sob areias encarnadas.

Minhas figuras amadas
jazem - tão belas e raras -
junto às equineas ossadas.
Mas não se encontram na terra
os perfis de seta adversa
na nossa incansável guerra.

Assim cantava o rei triste
no seu palácio arqueológico
onde o sol pasta seus tigres.

Minhas figuras amadas

107

teriam almas e asas
sob as máscaras fechadas...
Buscando-as, foi-se-me a vida.
E morto padeço ainda
por gente desconhecida.

Assim triste o rei cantava
no seu palácio arqueológico
entre pedaços de estátuas.

(1956)

108

As glórias do vento

Naquele tempo univalve,
havia a música: havia
o ir e o vir da alegria
com seu nome e clave.

A pedra do eco, essa pedra
palpitava no ar, mandava
suaves recados à brava
solidão da terra.

E dos hinos e dos prantos
restavam serenas vozes
e os instantes mais atrozes
tinham som de humanos.

Depomos agora as harpas,
já que os muros de cimento
matam as glórias do vento
sob muitas capas.

(1962)

109

Campo na Índia

Viajo entre poços cavados na terra seca.
Na amarela terra seca,
Poços e poços de um lado e de outro.

Mulheres de saris amarelos e azuis,
homens envolvidos em velhos panos amarelados,
crianças morenas e doces:
tudo se mistura aos veneráveis bois
que sobem e descem em redor dos poços.

E depois há campos verdes, campos,
campos de mostarda em flor, campos...
E sobe a lua no crepúsculo, abrindo no céu
jardins evaporados,
em nuvens de opala, delicadas nuvens.

Poços e poços.
E mulheres carregando à cabeça
ramos ainda com folhas,
(arbustos que passam ao longo do dia, silenciosos...)

Caminham búfalos mansos, de chifres encarcacolados.
Caminham os búfalos ao lado dos homens:
como uma só família.

E os camelos parecem modelados no barro,
levantados do barro,
animados pela última claridade
da tarde que se inclina.

Viajo entre todas as coisas do mundo:
homens, flores, animais, água...

(Quem está cantando, muito longe, uma pequena cantil-)

110

ga?)

De uma exígia moita,
 sai de repente um bando de pássaros:
 como um fogo de artifício todo de estrelas azuis.
 Seriam pavões?

(E o deserto está próximo.)

(1953)

111

Canção de um caminho da Espanha

Viajante que seguiste
 teu caminho,
 lembra-te de que me viste
 em campos de trigo e vinha,
 tão cansado, tão sozinho
 e triste.

Tão grande era o firmamento
 e meus braços
 de tão curto movimento
 e meus pobres olhos baços
 erguendo imensos cansaços
 ao vento.

Tu que passas, viajante,
 no horizonte,
 pensa em mim, que estou distante,
 preso entre rebanho e monte,
 sonhando a escutar a fonte
 cantante.

A fonte que me consola
 destes males,
 Que é uma lágrima que rola
 - minha derradeira esmola -
 para o fundo desses vales...

(1954)

112

Canção do deserto

Pelo horizonte de areias,
reclina-se a voz do canto.
A moça diz, muito longe:
"Eu sou a rosa do campo..."

O beduíno para e escuta,
vestido de pensamento,
sozinho, entre as margens de ouro
do ar e do deserto imenso.

"Eu sou a rosa do campo..."
E olhando para as ovelhas
sente o chão verde e macio
e flores pelas areias.

"Eu sou a rosa do campo..."
Mas tudo o que ouve e está vendo
é poeira, apenas, que voa:
o vento dá voz ao vento...

(1958)

113

Cidade colonial

Vede as moças nas varandas,
neste imenso isolamento:
umas pentelam as tranças,
outras tangem pensamentos:
e há serenatas que cantam
com a vazia voz do vento.

Isto é uma cidade antiga,
uma precária cidade,
que a cada momento fica
um girassol de saudade
procurando a despedida
entre o tempo e a eternidade.

Portas de adeuses, queimados
restos de jardins perdidos:
vultos aéreos, retratos
que têm a alma e não sentidos,
e este som de enigmas falsos
que vem de fatos vencidos.

Vede os meninos nas ruas,
com pedrinhas de diamantes,
seus brinquedos foram lutas,
- que a glória é um pálido instante
e, em chispas de fogo ocultas,
jaz a morte cintilante.

E nos tristes cemitérios,
que já ninguém mais percorre,
os próprios arbustos quietos
morrem sobre o que ali morre.
Um surdo sopro de tédio
entre as lápides transcorre.

114

E nomes. Datas. Palavras.
Sem mais lembranças de dono,
dissolvem-se horas amargas
nesse colo de abandono.
A cidade antiga é uma harpa
com o sonho em cordas de sono.

115

Coliseu

Cem mil pupilas houve:
- cem mil pupilas fitas na arena.

Os olhos do Imperador, dos patricios,
dos soldados, da plebe.

Os olhos da mulher formosa que os poetas cantaram.
E os olhos da fera acossada,
do lado oposto.
Os olhos que ainda brilham fulvos,
agora, na eternidade igual de todos.

Cem mil pupilas:
- ilustres, insensatas, ferozes, melancólicas,
vagas, severas, lânguidas...
Cem mil pupilas veem-se, na poeira da pedra deserta.

Entre corredores e escadas,
o cavo abismo do úmido subsolo,
exala os soturnos prazeres da antiguidade:

Um vozeiro arcaico vem saindo da sombra,
- ó duras vozes romanas!
- um quente sangue vem gorgando,
- ó negro sangue das feras!
- um grande aroma cruel se arredonda nas curvas pedras.

(Não cairão jamais estas paredes,
pregadas com este sangue e este rugido,
a garra tensa, a goela arqueada em vácuo,
as cordas do humano pasmo sobre o último estertor...)

Cem mil pupilas ficam aqui,
pregadas nas pedras do tempo.

116

manchadas de fogo e morte,
no fim do dia trágico,
depois daquela ávida e acesa coincidência,
quando convergiram nesta arena de angústia,
que hoje é pó de silêncio,
esboroadas solidão.

(As pregas dos vestidos deslizaram, frágeis.
E os sorrisos perderam-se, fúteis.
Sobre o enorme espetáculo, que foi o aroma dos cosméticos?)

(1953)

117

Elegia do tapeceiro egípcio

Bela é a água que corre como a lã clara nos teares.
E vão passando os peixes, que deixam só diáfano esque-
ma.

Leve é o giro das aves, recortado há cinco mil anos;
e as canas e a brisa inventam músicas
fictícias de aéreos estambres, na alta urdidura do tempo.

Grave é o corpo do jovem reclinado em vítreo silêncio,
pálido Osiris que o Nilo afoga em suas ondas.

Em seus olhos fechados, donos de cores e linhas eternas,
a memória mistura anjos, profetas e deuses.

Oh! entre esses calmos perfis parados nas orelhas;
o rio mostra ao tecelão a sua morte,
larga tapeçaria que apenas a alma contempla:

sob as canas e os pássaros e as lançadeiras dos peixes
rápidos.

sob o dia, sob o mundo, na visão das cenas arcaicas,
e o tecelão vai sendo também tecido.

Como lã clara nos teares, bela e exata, a água que corre
vai bordando o seu vulto,
vai levando suas pálpebras e seus dedos...

Quem pode separar os fios da vida e os fios da água,
neste desenho novo que está nascendo em lugar invisí-
vel?

(1956)

118

Esboço holandês

Doce menina dos baldes,
 saia azul, blusa vermelha,
 que chegas ao campo branco
 sob as folhas de macieira,
 que vais para o teu trabalho
 com tamanha singeleza,
 enquanto os pássaros piam
 e bate as horas a igreja.
 Doce menina dos baldes,
 que no silêncio da aldeia
 imprimes um suave passo
 com teus socos de madeira:
 o sol que vence a neblina
 espera a tua presença
 - teus olhos cor de miosótis,
 teus lábios cor de cereja -
 e é um sol encarnado e puro,
 de dourada cabeleira.

Vencendo as dunas e a névoa,
 o sol aos teus braços chega:
 e sois como um par de noivos,
 entre as redondas ovelhas,
 e a aragem que se perfuma
 de trigo, palha e manteiga.

(1954)

119

Exercício

Ciência, amor, sabedoria,
 tudo jaz muito longe, sempre...
 - Imensamente fora do nosso alcance.

- Desmancha-se o átomo,
 domina-se a lágrima,
 já se podem vencer abismos
 - cai-se, porém, logo de bruços e de olhos fechados,
 e é-se um pequeno segredo
 sobre um grande segredo.

Tristes ainda seremos por muito tempo,
 embora de uma nobre tristeza,
 nós, os que o sol e a lua
 todos os dias encontram,
 no espelho do silêncio refletidos,
 neste longo exercício de alma.

(1955)

120

Família

Temos uma família desfeita na terra:
(ó temos corações, ó fechados olhos onde costumávamos habitar!)

mas dessa não temos notícia:
e o nosso amor é uma rosa sobre muros de sombra.
Temos uma família muito distante,
em aposentos que não vemos, em países que jamais
iremos visitar!

Dessa temos notícias, eventualmente:
mas o nosso amor é uma rosa que murcha comunicável.

Temos uma família próxima, algumas vezes,
que se move, e nos fala, e nos vê,
mas entre nós pode não haver notícias:
e o nosso amor é um muro sem rosas.

Temos muitas famílias, havidas e sonhadas.
São as nuvens do céu que levamos sobre a alma,
as espumas do mar que vamos pisando.

Nós, porém, continuamos viajantes solitários:
e a rosa que levamos no coração, comovida,
também se desfolha.

(Ou pode ser que, afinal, a rosa seja unânime
e eterna,
em sobre-humana família.)

(1961)

121

Fontana de Trevi

Aquí me refugio,
nesta frígida forja de cristal,
chela de chispas de espuma.
Aquí, onde chegam cavalos mitológicos
evadidos dos séculos,
com ferraduras de berilo e de topázio,
e de olhos desvairados
pelo espetáculo do mundo momentâneo.

Agarrada às suas crinas,
irei com eles, quando fugirem,
romperei também os limites da pedra e do tempo,
e chegarei ao remoto mundo dos deuses,
sereno e solene,
para balbuciar aos seus velhos ouvidos
esta humana aventura,
em forma de canção, longa, dorida e calma.

(1953)

122

Humildade

Tanto que fazer!
Livros que não se leem, cartas que não se escrevem,
línguas que não se aprendem,
amor que não se dá,
tudo quanto se esquece.

Amigos entre adeuses,
crianças chorando na tempestade,
cidadãos assinando papéis, papéis, papéis...
até o fim do mundo assinando papéis.

E os pássaros detrás de grades de chuva.
E os mortos em redoma de cânfora.

(E uma canção tão bela!)

Tanto que fazer!
E fizemos apenas isto.
E nunca soubemos quem éramos,
nem pra quê.

(1954)

123

Mapa falso

Quantas coisas pensei sublimes,
merecedoras de longas lágrimas !
Quais eram ?
As lágrimas recordeo
e as pensativas planícies
por onde estenderam seus longos rios.

Mas não levam nenhuma voz essas águas.
Tudo foi afogado e sepulto.

Maiores que as coisas choradas
eram as lágrimas que as choravam.
E sua imagem, de longe, é uma solidão sem mais ne-
nhum sentido:

mapa falso que a nossa viagem abandona,
pois vamos sempre além de tudo, para mais longe.

(1957)

124

Máquina breve

O pequeno vaga-lume
 com sua verde lanterna,
 que passava pela sombra
 inquietando a flor e a treva
 - meteoro da noite, humilde,
 dos horizontes da relva;
 o pequeno vaga-lume,
 queimada a sua lanterna,
 jaz carbonizado e triste,
 e qualquer brisa o carrega:
 mortalha de exíguas franjas
 que foi seu corpo de festa.

Parecia uma esmeralda
 e é um ponto negro na pedra.
 Foi luz alada, pequena
 estrela em rápida seta.

Quebrou-se a máquina breve
 na precipitada queda.
 E o maior sábio do mundo
 sabe que não a conserta.

(1960)

125

Pompeia

Vós, os que vistes Deus, como ficastes?
 boca entreaberta e pálida de mortos,
 cinza de grito, arquejo de saudades...
 (Esse véu pelos olhos, de cegueira,
 esse frio de pânico sobre a pele,
 e a dor da vida, lânguida e imperfeita...)

Vós, os que vistes Deus, e estais sofrendo,
 e sentis pelo corpo o que era carne
 desencadear-se em puro pensamento.

sois agora um jardim desesperado:
 - que o vento que corria era de fogo,
 e a água um abismo tumultuoso e amargo.

Deus súbito, imprevisto Deus de assombros,
 sem aviso ou perdão. Como ficastes,
 vós, os que vistes Deus, e hoje sois outros?

(1953)

126

Urnas e brisas

Entre estas urnas tão claras e lisas,
escolherei a das minhas cinzas,

embora me pareça que as brisas
são urnas mais claras, mais lisas, mais finas,

e levem mais longe essas leves cinzas
que restarem de tão breves ruínas...

(1903)

127

Voto

Que em redor de ti os ventos se imobilizem,
Florença,
de asas fechadas.

Que os ventos não gastem as pedras cetinosas
de que foste nascida,
não quebrem o perfil de tuas vivas estátuas,
o rosto de teus palácios,
nenhuma letra das inscrições melodiosas
de teus túmulos.

Que não deslizem os ventos sobre as assinaturas
da tua glória.

Que os ventos não perturbem teu rio dourado,
antigo pensamento sem fim passando.
Que não te desmanchem o vulto de nenhum cipreste
nem a cor de qualquer parede
nem o sonho de altar ou torre,
porta, rua - domicílios secretos de sombras e ecos,

Florença,
que em redor de ti fiquem os ventos de asas fechadas,
e um silêncio azul-cinza-verde
seja o muro límpido que te contorne
e de onde te contemple um doce amor só de beleza
comovido
- Florença florente flor... -
para sempre, para sempre.

Ah, que os ventos não toquem nas tuas fechadas semen-
tes de lágrimas.

(1954)

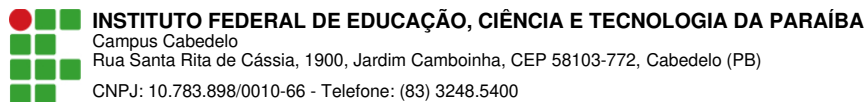
128

Se inspirando nas poesias destas cinco grandes escritoras, escreva sua própria poesia:

A poesia brasileira, um universo abundante em expressões diversificadas e ricas, foi ocupado por uma esbelta linguagem de poetas talentosos que contribuíram de forma significativa para a literatura nacional. Dentro desse grupo de artistas literários, as vozes e perspectivas linguísticas das mulheres emergem, adicionando camadas de profundidade ao panorama literário brasileiro. As poetas brasileiras, ao longo da história, têm enfrentado e vencido uma série de desafios para se fazerem ouvir em um domínio tradicionalmente masculino. A inclusão das mulheres para a literatura é indiscutível, tendo sido criado obras que exploram uma variedade de temas, desde o amor e política até a identidade de gênero, corporalidade e liberdade.

Com a compilação e publicação deste livro reunindo poetas de notória excelência brasileira, busca-se intensificar a visibilidade da contribuição feminina para a literatura do país. Paralelamente, tal iniciativa estabelece a diversidade e a riqueza da poesia brasileira, incentivando um apreço mais profundo e um reconhecimento mais amplo da produção literária feminina no Brasil.

Este livro é uma homenagem sincera e respeitosa à arte e ao legado de cinco renomadas poetas brasileiras: Cecília Meireles, Clarice Lispector, Nilza Ibatã, Ana Cristina Cesar e Gilka Machado.



Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

TCC com a ficha catalogafica

Assunto: TCC com a ficha catalogafica
Assinado por: Maria Sales
Tipo do Documento: Anexo
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Maria Vitoria Galberto Sales, ALUNO (201917010013) DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO - CABEDELO**, em 02/10/2023 17:24:12.

Este documento foi armazenado no SUAP em 02/10/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 959805
Código de Autenticação: 730cd79903

